

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE AQUIDAUANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

MAURO SÉRGIO CARVALHO

**A FOTOGRAFIA COMO RECURSO DIDÁTICO MOTIVADOR PARA O ENSINO DE
GEOGRAFIA**

AQUIDAUANA/MS
2018

MAURO SÉRGIO CARVALHO

A FOTOGRAFIA COMO RECURSO DIDÁTICO MOTIVADOR PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Geografia, como exigência do curso de Mestrado em Geografia do Campus de Aquidauana da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Vicentina Socorro da Anunciação.

AQUIDAUANA/MS
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Seção de Biblioteca – CPAQ/UFMS, Aquidauana, MS, Brasil)

C331 Carvalho, Mauro Sérgio
A fotografia como recurso didático motivador para o ensino de geografia/ Mauro Sérgio Carvalho. -- Aquidauana, MS, 2018. 88 f. ; il. (algumas color.) ; 30 cm.

Orientador: Vicentina Socorro da Anunciação
Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Câmpus de Aquidauana.

1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Prática de ensino - Geografia. 3. Recurso didático - Fotografia. I. Anunciação, Vicentina Socorro. II. Título.

CDD (22) 910.7

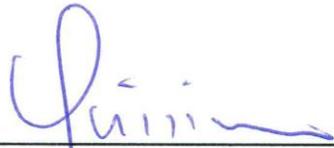
FOLHA DE APROVAÇÃO

Candidato: **Mauro Sérgio Carvalho**

Dissertação defendida e aprovada em 23 de março de 2018 pela Comissão Examinadora:



Prof. Dra. **Vicentina Socorro da Anunciação** (orientadora)



Prof. Dr. **Antônio Firmino de Oliveira Neto** (UFMS)



Prof. Dr. **Jaime Ferreira da Silva** (UFMS)

“Meu querido Pai, nenhuma ausência é tão cara quanto a tua. E nas costas da memória, sigo revirando as suas lembranças. É isso que eu farei, meu pai. É hora de encontrar o mundo!”

Extraída do filme “O Filme da Minha Vida”, de Selton Mello

AGRADECIMENTOS

À minha esposa e aos meus filhos, pelo apoio incondicional e por nunca deixarem de acreditar em mim, obrigado também pela torcida que sempre ficou evidente!

À minha orientadora, Professora Vique, por ter sido minha Cicerone nos caminhos, até então desconhecidos, da pesquisa acadêmica!

Ao programa, aos meus professores e professoras, amigos e colegas, por dividirem comigo seus anseios, dúvidas e expectativas!

Muito Obrigado!

RESUMO

O processo de ensino e de aprendizagem da disciplina Geografia na Educação Básica num contexto factual sempre esteve permeado de informações concretas em práticas descritivas de memorização, resultando numa crise de identidade do estudante com o componente curricular Geografia. Contudo, a utilização de fotografias como instrumento didático motivador pode representar uma ação de grande relevância, proporcionando um suporte no processo de internalização da informação e do conhecimento. Dessa forma, o presente estudo se pauta em possibilitar a professores, estudantes e pesquisadores, uma proposta a ser observada como alternativa na busca e implementação docente de instrumentos e técnicas de ensino que venham a motivar o aluno a despertar interesse pelas aulas de Geografia. Assim, analisa de que maneira o uso de fotografias contribui didaticamente na construção e na aprendizagem do saber Geográfico. Apresenta como laboratório de investigação a escola CEJAR – da Rede Pública Estadual de ensino na cidade de Aquidauana-MS, tendo como público alvo alunos do Ensino Médio, partindo de uma observação da inter-relação que se estabelece quando se ministram as aulas de Geografia auxiliadas com análise de fotografias, sejam elas de outros autores ou produzidas pelo próprio aluno. Nesse sentido, ancorou-se num aporte teórico sobre o uso de imagens relacionado ao ensino da Geografia, sobretudo, a relação indissociável entre Fotografia e Geografia. Para o feito, desenvolveu-se um projeto pedagógico escolar intitulado: Conhecendo o seu Lugar por meio da Fotografia, que envolveu quatro etapas fundamentais: desenvolvimento de aulas aprofundadas sobre os temas geográficos; estudos para compreensão dos conceitos de “iconografia” e “iconologia” em relação a fotografias; análise crítica e interpretações sobre as fotografias apresentadas, relacionando-as com os conhecimentos sobre a Geografia e a temática discutida pelo professor e alunos; e, apresentação dos resultados apontados pelo experimento, a fim de se compreender quais as alterações na percepção do aluno, após o uso de fotografias nas aulas. Os resultados apontaram que há uma aproximação da Fotografia com o Ensino da Geografia e com o aluno, sempre que o professor consegue compartilhar seu conhecimento e domínio dos temas geográficos associando às técnicas de interpretação da imagem, passando então a fotografia a ser instrumento facilitador para que o aluno deixe de espectador para se tornar agente capaz de entender e documentar a sua história e sua participação na construção do seu lugar.

Palavras-Chave: Ensino de Geografia. Fotografia. Instrumento Motivador.

ABSTRACT

The process of teaching and learning of the discipline Geography in basic education in a factual context has always been permeated by concrete information in descriptive practices of memorization, resulting in a crisis of student identity with the curriculum component Geography. However, the use of photographs as a motivational teaching tool can represent an action of great relevance, providing support in the process of internalization of information and knowledge. Thus, the present study aims to provide teachers, students and researchers with an additional proposal to be observed as an alternative in the search and implementation of teaching instruments and techniques that will motivate the student to arouse interest in Geography classes . Thus, it analyzes how the use of photographs contributes to the construction and learning of Geographical knowledge. It presents as a research laboratory the CEJAR school - of the State Public School of Education in the city of Aquidauana-MS, targeting high school students, starting from an observation of the interrelation that is established when the classes of Geography are assisted with analysis of photographs, be they of other authors or produced by the student himself. In this sense, it was anchored in a theoretical contribution on the use of images related to the teaching of Geography, above all, the inseparable relationship between Photography and Geography. To this end, a school pedagogical project was developed entitled: Knowing Your Place through Photography, which involved four fundamental stages: development of in-depth classes on geographic themes; studies for understanding the concepts of "iconography" and "iconology" in relation to photographs; critical analysis and interpretations about the photographs presented, relating them to the knowledge about Geography and the theme discussed by the teacher and students; and presentation of the results pointed out by the experiment, in order to understand what changes in the students' perception after the use of photographs in the classes. The results showed that there is an approximation of Photography with the Teaching of Geography and with the student, whenever the teacher is able to share his knowledge and mastery of the geographic themes, associating with the techniques of image interpretation. the student leaves viewer to become agent capable of understanding and documenting its history and its participation in the construction of its place.

Keywords: Geography Teaching. Photography. Motivational Instrument.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1- Migração para as grandes cidades. (Do livro Êxodos, de Sebastião Salgado, 2016.)	14
Fotografia 2 - Contrastes Sociais (2010). Fotógrafo Emerson Rojas. (Disponível em https://goo.gl/5egsFm).....	39
Fotografia 3- Kim Phuc (1972) – Um Símbolo pela Paz – Fotógrafo Nick Ut). (Disponível em https://goo.gl/tm1sZD)	47
Fotografia 4 - Conflito “Trabalhador e Policial” – Serra Pelada. (Sebastião Salgado, 1986)	64
Fotografia 5 - Massacre de Eldorado de Carajás – A luta pela Terra. (Sebastião Salgado, 1996)	65
Fotografia 6 - Corpos empilhados por trator do exército francês - Kilumba, Ruanda. (Sebastião Salgado, 1994).....	66
Fotografia 7 - Uma exploração meditativa das culturas camponesas e da resistência cultural. – Equador. – (Sebastião Salgado, 1982)	67
Fotografia 8 - Protesto cobra punição à Vale pela tragédia de Mariana (2015). Fotógrafa Cristina Boeckel/G1. (Disponível em https://goo.gl/5WMnfv)	70
Fotografia 9 - Fogos da cerimônia de encerramento dos Jogos Olímpicos, Morro da Mangueira (2016). Fotógrafo Carl de Souza/AFP. (Disponível em https://goo.gl/Yp4cM8)	70
Fotografia 10- Cultivo de Soja em solos arenosos – Selvíria/MS. - Fonte: Embrapa, 2016. (Disponível em: https://goo.gl/aj7yAE)	71
Fotografia 11 – Cheia do Rio Aquidauana- 2011 (Fonte: O Pantaneiro).....	72
Fotografia 12 - Trabalho Infantil, 2017. (Fonte: Agência Brasil)	73
Fotografia 13- Trabalho Escravo, 2017. (Fonte: Agência Brasil).....	73
Fotografia 14- Início de Aquidauana - Construção da Igreja matriz. (Fonte: Desconhecida. Disponível em https://goo.gl/sTN7OJ)	74
Fotografia 15 - Vista aérea parcial de Aquidauana/MS.(Fonte: Desconhecida. Disponível em https://goo.gl/jJq4g2)	75
Fotografia 16 - Vista Aérea de Aquidauana/MS. (Fonte: Simoni Lopes)	75
Fotografia 17 - Lixão Irregular no Distrito de Camisão. (Fonte: AGECOM / Aline Saraiva	76
Fotografia 18 - Conjunto Habitacional Cristo Rei em Anastácio/MS - 2016. (Fonte: Rosileny Ribeiro (Imprensa-Prefeitura)	77
Fotografia 19 - Contrastes Sociais. (Fonte: Tuca Vieira, 2002. disponível em: https://goo.gl/S2a9Xk)	78

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Critérios de Julgamento – Prêmio de Fotografia/CNPq.....	43
Tabela 3 - Relação dos alunos com a disciplina Geografia.....	58
Tabela 4- Opinião dos alunos sobre as aulas de Geografia.....	59
Tabela 5 - Recursos utilizados nas aulas de Geografia.	59
Tabela 6 - Métodos de estudo dos alunos.	60
Tabela 7 - Relação do Ensino de Geografia com o cotidiano dos alunos.	61
Tabela 8 - Experiência dos alunos com interpretação de Fotografias nas aulas de Geografia.....	61

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Relação dos alunos com a Geografia.....	58
Gráfico 2 - Opinião dos alunos sobre a Geografia.	59
Gráfico 3- Recursos utilizados nas aulas de Geografia.....	60
Gráfico 4 - Métodos de estudo dos alunos.	60
Gráfico 5 - Relação da Geografia com o cotidiano dos alunos.....	61
Gráfico 6 - Experiência dos alunos com interpretação de Fotografias nas aulas de Geografia.....	62

LISTA DE SIGLAS

CEJAR	-	Escola Estadual Cel. José Alves Ribeiro
CNPq	-	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DETRAN	-	Departamento de Trânsito
EM		Ensino Médio
ENPEG	-	Encontros Nacionais de Prática de Ensino de Geografia
EUA	-	Estados Unidos da América
GC		Geografia Crítica
MEC	-	Ministério da Educação
MG	-	Minas Gerais
MS	-	Mato Grosso do Sul
MST		Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PCN's		Parâmetros Curriculares Nacionais
PNLD		Programa Nacional do Livro Didático
RTM	-	Restauração de Terrenos de Montanha
SED/MS		Secretaria de Educação do Mato Grosso do Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	Fotografia como recurso metodológico nas aulas de Geografia.....	17
1.2	Justificativas e Relevância para se propor o uso de fotografias nas aulas de Geografia.....	19
1.3	Objetivos	22
1.3.1	Objetivo Geral	22
1.3.2	Objetivos Específicos.....	23
1.4	Procedimento Metodológico e Método de análise.....	23
2	RECORTES TEÓRICOS E BASES CONCEITUAIS PARA PROPOSTAS DE INOVAÇÕES NA GEOGRAFIA ESCOLAR.....	26
2.1	O ensino da geografia na escola do século XXI – Inovação e (des)motivação	29
2.2	Desafios sobre o Ensino da Geografia na Sala de Aula.....	33
3	FOTOGRAFIA - INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	38
3.1	Fotografia e (como) Ciência.....	41
3.2	A Fotografia e suas contribuições para a leitura da construção social do Mundo. .	44
3.3	A intrínseca conexão entre Fotografia e Geografia	48
3.4	Fotografia como suporte no ensino e na aprendizagem de Geografia	52
4	O EXPERIMENTO: FOTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO MOTIVADOR NAS AULAS DE GEOGRAFIA.	56
4.1	O Campo Empírico - Escola CEJAR e alunos.....	56
4.2	O Aprender a aprender com a utilização da fotografia na Escola CEJAR.	57
4.3	A Geografia nas imagens de Sebastião Salgado	63
4.4	A experiência com os alunos.....	67
5	RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82
7	ANEXOS	87

1 INTRODUÇÃO

“A câmera não faz diferença nenhuma. Todas elas gravam o que você está vendo. Mas você precisa Ver.”

Ernst Haas

Fotografia 1- Migração para as grandes cidades. (Do livro Êxodos, de Sebastião Salgado, 2016.)



Pode se inferir que dentre os maiores desafios que os professores enfrentam na atualidade está o fazer com que suas aulas sejam um espaço de diálogo e debate, acima de tudo, um momento para compartilhar e adquirir conhecimento, pois este não pode mais ser acessível somente aos docentes. Junto a essa preocupação, está a necessidade de fazer com que a prática pedagógica caminhe com a evolução tecnológica, que ofereça, além dos livros didáticos, novas opções e recursos que necessitam ser incorporados no processo de ensino e de aprendizagem.

O senso comum aponta para uma sociedade que deseja uma educação de qualidade, nesse sentido, ela espera que a escola prepare os alunos para além do convívio social, elencando principalmente a “preparação para vida”.

Dessa forma, atribui-se à educação escolar o encargo de formar cidadãos críticos e responsáveis, apossando-se de valores pautados na construção da ética e do respeito, para conceber um convívio harmonioso e uma sociedade mais justa para

todos. Contudo, é importante pontuar que, por vezes, a sociedade acaba incorrendo em uma falha quando espera que somente a escola assuma tal responsabilidade, pois a conjuntura atual comprova que todos os setores da sociedade precisam contribuir para essa formação de cidadãos críticos, principalmente a família.

Porém há uma contradição neste discurso da expectativa na formação de um cidadão crítico, autônomo e participativo; ao mesmo tempo em que o Plano Nacional de Educação propõe uma cidadania construída por meio da criticidade, surge uma proposta de lei buscando implantar uma “Escola sem Partido”. Agentes públicos e parte da sociedade apoiam medidas que afetarão diretamente o ambiente escolar, afastando a possibilidade de que, neste local, a democracia seja uma realidade e o processo ensino aprendizagem seja prazeroso e instigante.

Esta pesquisa defende que a escola é capaz de se transformar por meio das ações dos seus agentes, principalmente porque, em nosso país, transformações nas instituições de ensino, enquanto política pública, historicamente, acontecem de forma morosa. A mudança, neste caso, ocorre de dentro para fora e não ao contrário.

Na perspectiva de aligeirar o processo; escola, professores e demais colaboradores enfrentam o desafio de transformar o espaço escolar e as aulas em um momento de descobertas e participação na construção do conhecimento e, uma das estratégias é passar pela busca da aplicação de novos recursos didáticos que venham a despertar a incitação e o comprometimento do aluno nesse decurso.

Dessa forma, observa-se que a educação vem passando por modificações nos últimos anos. Nesse sentido, gestores, educadores e demais órgão inerentes à educação buscam adequações em suas ações, a fim de que o estudante tenha garantida uma formação que condiz com as exigências que a sociedade cobra e com a realidade que deste século impõe, possibilitar ao estudante a conclusão do Ensino Médio como pessoas capazes de exercer a cidadania com criticidade, além de possuírem domínio teórico-científico, desempenhem papel participativo e inovador na sociedade em que estarão inseridos.

Pontuschka (2009) afirma que a maior interrogação para o ensino, hoje em dia, principalmente ensino de Geografia, está na problemática em atribuir significados ou ressignificados a conhecimentos que o aluno já tem, para que se tenha uma aprendizagem significativa será preciso a interação com outros saberes a fim de que surja a produção de um novo saber.

Embora ainda há resistência ao uso por parte de alguns professores e educadores, as novas linguagens midiáticas atualmente representam um instrumento de grande relevância para o suporte no processo de absorção e desenvolvimento do conhecimento. O uso das mídias no ensino escolar proporciona a alunos e docentes novos olhares sobre o prisma da comunicação, absorvendo formas distintas e peculiares de se apropriarem dessas novas técnicas de informação, fazendo delas práticas comuns do seu cotidiano.

As tecnologias audiovisuais se incorporam de tal modo nas relações sociais e na subjetividade que não podem ser encaradas como meras ferramentas, mas como novas linguagens ou novos modos de significar o mundo. Esta pesquisa busca apresentar a fotografia como instrumento motivador nas aulas de Geografia, acima de tudo, propõe oferecer um estudo sobre a interpretação das fotografias, esperando que professores e alunos venham a se capacitar para extrair as informações implícitas que o conteúdo imagético carrega.

A fotografia constitui-se numa linguagem midiática e, esta pesquisa defende e propõe esta linguagem como uma oportunidade para que o professor estabeleça uma conexão entre suas aulas, onde é fundamental o aprofundamento no conhecimento sobre a Geografia, bem como a busca pela interpretação da fotografia para utilização como instrumento didático.

A caráter de ilustração, faz-se referência como exemplo simples, o caso do professor que, devido a fatores externos, fica impossibilitado de proporcionar uma aula de campo (in loco) aos seus alunos. Com uma máquina fotográfica, ele terá a oportunidade de trazer o campo para a sala de aula, trazer a geografia da paisagem, do acontecimento e articular a imagem com o conhecimento geográfico.

Outro fator relevante para sustentar a proposta desta pesquisa está na constatação de que há estudos acadêmicos apontando para uma realidade em que muitos alunos têm a disciplina Geografia apenas como uma matéria “decorativa”, reduzida à simples memorização e que não tem uma relação com as experiências sócio espaciais vivenciadas por eles. Cavalcanti (1998) atribui a essa realidade o fato de que:

[...] o ensino e a aprendizagem da Geografia se caracterizam pela utilização excessiva do livro didático, pela aplicação dos conteúdos mais conceituais que procedimentais como também pela utilização descontextualizada e estereotipada de cartas geográficas (CAVALCANTI, 1998, p. 36).

Dessa forma, a pesquisa buscou apresentar a importância de uma proposta que proporcione a interação dos alunos e professores com o lugar onde vivem e com a sala de aula, por meio da utilização de fotografias como instrumento didático para o ensino e aprendizagem da disciplina Geografia.

Coloca-se em análise uma proposta em que alunos e professores dialoguem sobre os conteúdos abordados em sala de aula, utilizando-se de fotografias para se explorar as informações geográficas e observando os resultados desta ação como um método que auxilie na reflexão sobre o conteúdo abordado e sobre o próprio método, avaliando o potencial que a fotografia oferece ao processo ensino aprendizagem e à construção do conhecimento.

A elaboração de artifícios de ensino que permitam uma flexibilização para dar um suporte ao professor de Geografia, que resulte no fornecimento de subsídios para a adaptação do profissional à comunicação imagética por meio de fotografias faz-se necessária. Entende-se que, para que isso ocorra, as atividades desenvolvidas pelo professor poderão elencar novas possibilidades e práticas que resultem em aulas mais reflexivas. Uma vez que também o professor precisa aprender a interpretar a fotografia, conhecendo as técnicas e estudos sobre a linguagem imagética e sobre os conceitos de Iconologia e Iconografia,

Acima de tudo está o conhecimento do professor sobre a Geografia, aliado à sua didática em sala de aula para colaborar com seus alunos e instigá-los ao estudo da Geografia. Porque, caso o professor não seja bem preparado ou tenha pouco conhecimento sobre os conteúdos geográficos, não há a possibilidade de inserção de recursos didáticos que alcancem êxitos.

Antes de adotar a fotografia como método didático, o professor deve aprender as técnicas de interpretação de fotografias, pois o domínio e a compreensão sobre elas não o deixarão que se torne apenas um usuário de fotografias, mas também um agente potencializador do seu uso.

1.1 Fotografia como recurso metodológico nas aulas de Geografia.

Ao se propor o uso de imagens como recurso didático, espera-se que haja uma intervenção na construção do aluno como ser, pois surgirão mudanças e inquietações que poderão ser aperfeiçoadas positivamente dentro do seu espaço. A aula passa a ser importante elemento nesse processo da evolução social, uma vez que as sociedades projetam novas condutas e expressões que precisarão ser

interpretadas para se chegar à compreensão dos novos fenômenos. Para PERRIAULT, 1996a, p.23, apud BELLONI (2005): “É urgente atualizar a tecnologia educacional porque uma nova “autodidaxia” importante está se desenvolvendo há vários anos nos jovens por meio das mídias”.

Embora haja professores que defendam o posicionamento de que a inclusão de linguagens midiáticas no contexto escolar possa acarretar acomodação dos alunos e falta de interesse pelos trabalhos que necessitam de práticas e intervenções motoras, a pesquisa esclarece que não está sendo proposta aqui uma generalização no uso da fotografia como instrumento didático, nem se pretende oferecer uma prática que venha a substituir outras já utilizadas em sala de aula.

O que se pretende é oferecer um estudo sobre a fotografia como importante instrumento didático para auxiliar o professor, que passa a ter a oportunidade de associar o conhecimento sobre a Geografia com a utilização de métodos que levem o aluno a compreender e a desenvolver a leitura do mundo proposta pela disciplina, para tanto:

[...] a utilização da fotografia pode estimular a observação e descrição das paisagens pelos alunos, preparando-os para tirarem suas próprias conclusões e elaborarem soluções para problemas da sua realidade, e não apenas como uma ilustração do conteúdo geográfico ministrado (ASARI, ANTONIELLO e TSUKAMOTO, 2004, p. 183).

Para Pontuschka *et. al.* (2009), a escola deve ser considerada o lugar de reflexão acerca da realidade, seja ela local, regional, nacional ou mundial, fornecendo instrumental capaz de permitir ao aluno a construção de uma visão organizada e articulada do mundo, cabendo ao professor o papel de mediador entre o aluno e a informação recebida, promovendo o “pensar sobre” e desenvolvendo a capacidade do aluno de contextualizar, estabelecer relações e conferir significados às informações.

Ao assumir um caráter pedagógico e crítico nas aulas de Geografia, a fotografia favorece que os alunos percebam os diversos fatores e fenômenos responsáveis pelas transformações do planeta, sejam eles de ordem ambiental, climática, política, social, dentre outras. A fotografia configura-se como instrumento para auxiliar na compreensão de que o espaço é socialmente construído numa relação de contradições. É inegável a influência da linguagem visual no mundo contemporâneo e sua inserção na prática educativa faz-se necessária. Sobre fotografia, Sontag (2006) contribui que:

Quando se trata de recordar, a fotografia fere mais fundo. A memória congela o quadro; sua unidade básica é a imagem isolada. Numa era sobrecarregada de informação, a fotografia oferece um modo rápido de apreender algo e uma forma compacta de memorizá-lo. A foto é como uma citação ou uma máxima ou um provérbio (SONTAG, 2006, p.23).

Propõe-se a importância em buscar ações que favoreçam a possibilidade do desenvolvimento das ações com fotografias relacionadas aos conteúdos geográficos, e assim compreender que a utilização daquelas, como suporte ao conhecimento geográfico do professor, reflete nos resultados alcançados. A fotografia representa um instrumento que oferece ao aluno uma opção a mais de auxílio para se interpretar o que acontece no mundo, pois, uma vez que explorada corretamente, ela propõe uma linguagem visual da realidade de forma mais detalhada e educativa.

Aumont (1995, p. 276) apontou que “Embora a fotografia – e o cinema – não revelem nada do mundo no sentido literal, contribuem educativamente para o ver melhor”. E é nesta perspectiva que a pesquisa se construiu, defendendo o uso da fotografia em sala de aula como instrumento didático de relevância para despertar a motivação dos alunos pelas aulas de Geografia.

1.2 Justificativas e Relevância para se propor o uso de fotografias nas aulas de Geografia

Os problemas na educação brasileira não estão relacionados apenas às aulas, mas também ao sistema educacional como um todo e, dentro do rol das possibilidades de mudanças que favoreçam à resolução destes problemas, está a inserção de novas linguagens na metodologia de ensino das disciplinas escolares, inclusive da Geografia.

Os PCN’s relacionados ao ensino da Geografia, sobre a formação do aluno, apresentam como um de seus objetivos:

[...] saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos; questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação (BRASIL, 2001, p. 7).

A pesquisa considera a fotografia uma fonte de informação, um recurso tecnológico e, principalmente, uma linguagem em ascensão que precisa ser estudada e pesquisada para que possa ser corretamente associada como instrumento didático nas aulas de Geografia.

Porém, o que tem ocorrido é que, buscando por uma inovação em suas aulas, comumente ocorre de o professor utilizar-se de uma prática corriqueira em que a fotografia é usada apenas para ilustrar o conteúdo ministrado e esta não é a proposta defendida aqui, não está se propondo um uso da fotografia como elemento decorativo dos temas geográficos estudado, até porque isto já ocorre na maioria dos livros didáticos. Propõe-se aqui uma integração do ensino da Geografia com a interpretação de fotografias, com o professor explorando o conhecimento geográfico, aprofundando o tema e auxiliando seus alunos à correta interpretação das fotografias utilizadas, buscando o interesse destes pela conexão entre Geografia e Fotografia.

A fotografia representa uma oportunidade de compartilhamento de conhecimentos, uma maneira de se utilizar a imagem como suporte no processo de ilustração visual daquilo que se necessita informar, ensinar e, sobretudo, aprender. No campo educacional, representa um instrumento que pode auxiliar na construção da criticidade do aluno.

Para a pesquisa, a imagem fotográfica, impressa ou digital, pode contribuir no cotidiano da sala de aula, desde que sua escolha seja criteriosa. O professor, ao lançar mão deste recurso, deve estar apto a fazer a leitura que a imagem propõe e a extrair dela todas as informações relacionadas ao conteúdo geográfico trabalhado; só assim será capaz de auxiliar seus alunos no uso desta ferramenta.

Diante da ampla divulgação de imagens fotográficas e também de “falsas associações” atribuídas a elas, principalmente via internet; antes da sua utilização é preciso conferir a autenticidade das mesmas e das circunstâncias registradas por elas, pois, uma vez que assumem a representação de apenas fragmentos e momentos, não devem ser compreendidas como expressão da verdade.

Muito além de registrar momentos e retratar paisagens, a fotografia pode ser compreendida como um registro da visão e interpretação do mundo, uma forma de conhecer a história que se eterniza no tempo, preservando as informações sobre as pessoas, suas ações e seus lugares. Hernández (2000) aconselha que a escolha da fotografia venha pautada pela inquietude e pelo multiculturalismo, proporcionando uma reflexão sobre os anseios da comunidade, respeitando as possíveis diferentes interpretações a partir do ponto de vista relacionado à realidade em que o receptor está associado, despertando assim o posicionamento crítico do expectador e não apenas estabelecendo uma interpretação lacrada, presa ao senso comum.

Para Lopes (2010);

A linguagem fotográfica é vista como uma prática, que pode ser estimulada na escola [...]. Colocando em foco as múltiplas formas de ver e ser visto, o ato fotográfico desponta como mais um caminho de problematização da vida, que nos permite, através da mediação técnica da câmara fotográfica, registrar, decifrar, ressignificar e recriar o mundo e a nós mesmos (Lopes, 2010, p. 09).

Atualmente, a linguagem por meio de imagens já é muito comum entre crianças e jovens. Com o advento da internet e das redes sociais, o uso de fotografias se tornou uma maneira rápida de comunicação, trata-se de uma realidade que não pode ser ignorada. E esta pesquisa propõe que os professores usem esta realidade a seu favor, trazendo para dentro da sala de aula, a união entre o estudo da Geografia e a interpretação de Fotografias. O professor, ao evitar as inovações, sejam elas tecnológicas ou não, poderá perder a oportunidade de despertar a motivação dos alunos para suas aulas.

Há professores que evitam novos instrumentos didáticos porque eles próprios não sabem utilizá-los ou interpretá-los, porém essa é uma questão pessoal, que não deve servir de embasamento para refutar a proposta colocada nesta pesquisa. Atenta-se que a utilização de novos recursos e linguagens, em sala de aula, exige do educador uma atualização pessoal, pois o domínio adequado de recursos e instrumentos que contribuem para uma inovação didática requer um certo conhecimento técnico; Chikaoka (2010) acautela que:

Atualmente, o educador não está preparado para trabalhar com o turbilhão de imagens que invadem o ambiente escolar, decorrentes do uso de equipamentos fotográficos de fácil acesso como, por exemplo, os compactos de baixo custo e os celulares. Dada a velocidade com que os avanços tecnológicos são incorporados nas câmeras fotográficas, o professor encontra-se em defasagem de alguns anos em relação ao que resulta da disseminação e uso desses aparatos nos contextos educacionais onde ele atua. É necessário pensar numa reeducação, tentar deslocar a atenção e não falar em fotografia focada somente na imagem. A diferença é enxergar, explorar e construir os saberes com o processo (CHIKAOKA, SALLET, 2010, p.278).

Em um período em que o mundo demonstra se transformar pela tecnologia da informação e em que os cenários são representados também pela comunicação estabelecida por meio de imagens, é impossível admitir a ideia de que um professor venha a recusá-las como instrumento didático, seria um desperdício.

A fotografia só se concretiza como recurso didático quando o professor oportuniza a criticidade na leitura feita pelos seus alunos. Para Trovo (2011):

Fazer a leitura das imagens não é uma ação assim tão simples. É necessário ter uma prática da convivência em sociedade, tendo como

objetivo o desvendamento do cotidiano representado pela imagem e buscar o que está por trás dela, ou seja, aquilo que o autor subjetivamente deixou para que o leitor tire suas próprias conclusões (TROVO, 2011, p.03).

Quando o professor possibilita aos alunos a leitura real da imagem, ele cria um espaço democrático e aberto às discussões de ideias que favorecerão a conclusões resultantes de conhecimento.

Com a expansão do acesso a aparelhos de telefonia móvel com câmeras fotográficas, a fotografia passou a funcionar, mesmo que por muitas vezes de forma banalizada, como uma nova linguagem adotada para a comunicação entre os seres humanos, principalmente entre os jovens.

Na chamada era digital, ela passa a contribuir na mudança de comportamento dos jovens do século XXI e, sendo a escola cenário de relevância na formação dos jovens, a pesquisa aponta para a importância de ações pedagógicas que proporcionem aos alunos aptidão para analisar, decifrar, interpretar e compreender, à luz do conhecimento, as informações contidas em uma fotografia.

A Geografia estuda as relações entre sociedade e natureza por meio da leitura do espaço geográfico e da paisagem, mas nem sempre o professor de Geografia tem a oportunidade de apresentar o espaço geográfico *in loco* aos alunos e, muitas vezes o trabalho fica restrito às imagens fornecidas pelos livros didáticos. A fotografia pode ser utilizada como instrumento que irá aproximar os alunos do espaço geográfico, da paisagem e da realidade estudada.

No contexto atual, em que crianças e adolescentes se inserem no meio técnico científico informacional e comunicacional cada vez mais cedo, propõe-se analisar a fotografia no ensino de Geografia e sua utilização como fonte histórica e recurso didático para auxiliar nos estudos sobre paisagem urbana e rural, arquitetura das cidades, movimentos políticos, conflitos sociais, eventos, fenômenos e várias outras possibilidades de leitura.

Esta pesquisa constitui-se em um conjunto de trabalhos que resulta em um documento fornecedor de subsídios para um melhor aproveitamento da fotografia como recurso metodológico nas aulas de Geografia.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Analisar o uso da Fotografia como elemento didático-pedagógico motivador no ensino de Geografia.

1.3.2 Objetivos Específicos

- ✓ Propor o uso de fotografias como recurso metodológico nas aulas de Geografia para o Ensino Médio;
- ✓ Acompanhar e auxiliar ações realizadas pelo professor de Geografia e alunos do 2º do EM da escola envolvida, quando da utilização de fotografias nas aulas de Geografia;
- ✓ Verificar os resultados obtidos sobre a motivação dos alunos diante a realização das ações envolvendo a Geografia Escolar e a Fotografia.

1.4 Procedimento Metodológico e Método de análise.

A pesquisa teve caráter de Pesquisa-Ação Experimental e Qualitativa, em parceria com a professora que ministra a disciplina para os alunos do Ensino Médio, de maneira que esta contribuísse como coautora nas ações e, dessa forma, fosse possível levantar uma análise sobre a problemática, construir hipóteses e exercer um trabalho em que seja possível a utilização dos fatores e variáveis que fizessem referência ao fenômeno observado.

Considera-se Experimental porque compreende que o uso na quantidade e qualidade das variáveis proporciona o estudo das relações entre causas e efeitos da inclusão da fotografia como instrumento didático no ensino da Geografia e propicia a avaliação dos resultados dessas relações.

“A Pesquisa-Ação representa um estilo participativo de pesquisa de ação planejada em que pesquisadores e atores interagem para buscar e experimentar soluções em situação real para a elucidação de problemas coletivos” (MARTINS; THEÓPHILO, 2009, p.72).

Para o feito, desenvolveu-se um projeto pedagógico escolar intitulado: Conhecendo o seu Lugar por meio da Fotografia, que envolveu quatro etapas fundamentais, sendo elas: estudos para compreensão dos conceitos de “iconografia” e “iconologia” em relação a fotografias; desenvolvimento de aulas discursivas e expositivas sobre os conteúdos geográficos selecionados para o projeto; análise crítica e interpretações sobre as fotografias apresentadas e; discussões sobre os

resultados apontados pelo experimento a fim de se compreender quais foram os impactos na percepção do aluno, após o uso de fotografias nas aulas.

Associou-se o conteúdo abordado em sala de aula com a utilização de fotografias de diversos autores e também de autoria dos próprios alunos buscando maior abrangência da fotografia como recurso didático na realização das aulas.

Dentro do contexto em que esta pesquisa está inserida, principalmente no tocante ao ensino de Geografia, a escolha da metodologia da pesquisa-ação ancora-se na conceituação dada por Thiollent (2008, p. 11), quando propõe que pesquisa-ação “consiste na resolução e esclarecimento dos problemas de uma sociedade local e na produção de conhecimento pelos pesquisadores”.

Com a cooperação dos alunos como agentes, a pesquisa-ação também se integra a uma metodologia participativa, momento em que as fotografias irão oferecer um suporte à construção do conhecimento em relação aos temas abordados nas aulas de Geografia. Sobre essa metodologia participativa, o próprio Thiollent enfatiza, ao conceituar que:

É um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos do modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2008, p. 14).

Quando se trata de um trabalho científico voltado à compreensão do processo ensino-aprendizagem, faz-se necessário considerar os participantes deste processo como atores efetivos no desenrolar da pesquisa, pois as experiências vividas por eles bem como o conhecimento que trazem proporcionam uma colaboração de grande valia ao pesquisador e a todos os envolvidos na busca por soluções aos problemas que surgem no cotidiano da comunidade em que estão inseridos.

A pesquisa propôs um trabalho com fotografias como suporte aos procedimentos didáticos e pedagógicos adotados pelo professor de Geografia, trata-se de mais um recurso para levar o aluno a compreender os diversos fatores que caracterizam o lugar em que ele vive, sendo capaz de debater sobre a autenticidade dos eventos por meio do conhecimento adquirido e da bagagem cultural que lhe é inerente.

Compondo os procedimentos metodológicos, os instrumentos de pesquisa foram: as pesquisas bibliográficas e de campo, o levantamento de caso e o questionário de consulta.

O material que contribuiu para formar os procedimentos desta metodologia foram artigos, livros, periódicos e dissertações que proporcionam uma leitura mais aprofundada sobre situações próximas do tema objeto da pesquisa.

A pesquisa também se utiliza da Observação e da Experimentação como técnicas adotadas dentro do seu conjunto de etapas. Ao tratar de Observação, destaque para a importância de se colocar um olhar mais atento ao objeto de estudo, utilizando-se dos sentidos sensoriais para extrair o conhecimento claro e definido do objeto, como apontam Cervo e Bervian (2003): “A observação é de importância capital nas ciências. É dela que depende o valor de todos os outros processos. Sem a observação, o estudo da realidade e de suas leis seria reduzido à simples conjectura e adivinhação” (CERVO; BERVIAN, 2003, p. 27). A Experimentação é a maneira para se chegar ao resultado a ser analisado, uma comprovação de que o que se propôs alcançou resultado positivo ou negativo, é, portanto, elemento investigativo que propiciará a correção dos erros apontados. Sobre experimentação, os mesmos autores observam que:

[...] consiste no conjunto de processos utilizados para verificar as hipóteses. Difere da observação porque obedece a uma ideia diretriz, e não, simplesmente, porque implica a intervenção do pesquisador em vista de modificar o objeto da pesquisa (CERVO; BERVIAN, 2003, p. 29).

Nesta pesquisa, a fotografia constituiu um método para propor ao aluno o conhecimento e domínio de outros códigos para auxiliar na compreensão do estudo da Geografia, um método a mais para interpretar e analisar o espaço geográfico.

Esse conjunto (métodos, técnicas e procedimentos) de ações envoltas no uso da fotografia nas aulas de Geografia alcançará o caráter motivador quando o professor observar os resultados positivos na mudança de atitude dos alunos, quando estabelecem uma conexão entre a realidade do cotidiano e os conhecimentos geográficos adquiridos nas ações em sala de aula.

Como instrumento didático, a fotografia passa a ser um elemento determinante em algumas ações para melhor compreensão do mundo em que se vive, registrando momentos, histórias, afazeres, lembranças e conhecimento ao longo do processo que determina o que se vê e o que se entende.

2 RECORTES TEÓRICOS E BASES CONCEITUAIS PARA PROPOSTAS DE INOVAÇÕES NA GEOGRAFIA ESCOLAR

Após os levantamentos bibliográficos e *in loco*, bem como as constatações pessoais do desinteresse dos alunos pelas aulas de Geografia na maioria das escolas brasileiras, buscou-se elaborar uma proposta que venha contribuir para uma mudança neste cenário. Entende-se que só foi possível oferecer uma ação que alcance êxito quando se conhece os reais motivos causadores do problema, e foi a busca em compreender o porquê desta situação que iniciou a caminhada e os trabalhos da pesquisa.

Faz-se necessário aqui registrar alguns apontamentos acerca da Geografia e da Fotografia, bem como da relação entre elas em um contexto didático e pedagógico, oferecendo sustentabilidade aos trabalhos desenvolvidos por esta pesquisa.

Quando o estudante de Geografia deixa a academia para se tornar professor, sua função não é se tornar um mero reprodutor das informações absorvidas por meio da geografia acadêmica; na verdade, ele passa a ser agente e paciente no desencadeamento de renovação constante que ocorre no ensino da Geografia, tanto no Brasil como em outros lugares do mundo.

No início dos anos 1950, o estudo da Geografia foi marcado por ocasiões que exigiam novas considerações, a Geografia regional estava meio esquecida e as propostas pedagógicas existentes precisariam de adequações para esclarecer a nova realidade (Diniz Filho, 2009); surgiam então os primeiros sinais de que havia a necessidade de se incorporar a tecnologia do pós-guerra ao conhecimento geográfico para proporcionar o conceito e o ensino sobre região.

As escolas passaram a ser palco de produção de um conjunto de conhecimentos com a finalidade de se integrar à nova realidade que estabelecia sobre o mundo, que passava por importantes transformações no período pós Segunda Guerra Mundial.

Moraes (1997) fornece algumas justificativas que buscam explicar as possíveis razões das adversidades vivenciada pela Geografia no início da segunda metade do século XX. A primeira diz que “havia se alterado a base social, que engendraria os fundamentos e as formulações da Geografia” (MORAES, 1997, p. 94). Ou seja, ocorreram mudanças no pensamento sobre Geografia, eram novas técnicas que levariam a um entendimento do que era a Geografia e do que passaria a ser nessa época. A segunda razão está no fato de que “o desenvolvimento do capitalismo havia

tornado a realidade mais complexa” (MORAES, 1997, p. 95). Entendeu-se então que a economia apontava para a globalização do espaço mundial, conseqüentemente, a Geografia necessitaria do uso das tecnologias para fazer a análise do espaço. A terceira razão das adversidades faz relação aos fundamentos filosóficos que alimentavam a Geografia. "O positivismo havia entrado em decadência, e passava a ser parte da crise da Geografia" (MORAES, 1997, p. 95).

A Geografia Escolar também sofreu as conseqüências dessas adversidades, com ideias e propostas que não se expandiram como atividade educacional, até os anos de 1980. Segundo Cavalcanti (1993), a limitação se deu, também, devido à relutância por parte dos próprios professores pois, para ensinar a partir de uma nova concepção, exige-se do professor de Geografia, além de aprimorado conhecimento conceitual, o conhecimento e a participação nas discussões sobre a Educação como um todo, objetivando que essas discussões venham a dar suporte à criação de práticas pedagógicas inovadoras.

Estabeleceu-se que os procedimentos didáticos fossem organizados obedecendo ao desenrolamento apresentado nos livros didáticos (o que, para muitos professores, tornaram-se uma espécie de cartilha, um manual, um código obrigatório a ser seguido). Sobre os livros didáticos que eram disponibilizados nas décadas de 1970 e 1980 e a relação destes com os professores de Geografia, Oliveira (2005) apresenta seu descontentamento quando escreve que:

O livro didático tornou-se a “bíblia dos professores” e nem sempre as editoras colocaram no mercado livros com um mínimo de seriedade e veracidade científicas. A grande maioria contém erros, cuja identificação certamente daria para escrever um livro. É este material, sem qualidade aferida ou ratificada pelos círculos acadêmicos das universidades e pelos professores da rede oficial, que se tem transformado no definidor da “geografia que se ensina”. É ele que tem caracterizado e caracteriza o que é geografia (OLIVEIRA, 2005, p. 137).

Não é objeto deste trabalho estabelecer uma discussão sobre a importância do livro didático na educação básica ou sobre a "ditadura/ideologia" proposta por ele, mas sim sobre o relacionamento que o professor de Geografia estabelece com esse instrumento, uma vez que há divergentes opiniões a respeito. ALVES (2005) defende que:

A organização do trabalho didático, produzida por Comênius, representava uma ruptura com o conhecimento culturalmente significativo e a instauração do império do livro didático no espaço escolar. Se essa prática poderia ser concebível na época de

ComENIUS, em função da necessidade emergente de “ensinar tudo a todos”, agravada pelo fato de estar na sua fase embrionária a difusão das habilidades de ler e escrever, hoje nada mais a justifica (ALVES, 2005, p. 71).

Em viés contrário, ressalta-se o posicionamento de D’ÁVILA (2008), que reforça a postura do professor frente ao correto uso do livro didático que, por vezes, é a única opção de leitura acessível a seus alunos:

Mas é o professor que, em tese, deve assinar a autoria da sua obra pedagógica; assim sendo, mesmo um manual de má qualidade, quando decifrado criticamente, pode vir a ser um bom recurso didático na sala de aula. O problema, portanto, se situa na mediação didática praticada por inúmeros professores que colocam o manual escolar no altar mor da sala de aula. E, via de regra, os professores fazem um uso pouco ou acrítico desse material (D’ÁVILA, 2008, p. 47).

O filósofo francês Bachelard (1938) preconizou que as diretrizes curriculares, após normalizadas, acabam se tornando um *obstáculo epistemológico*, uma vez que, historicamente, acabam por refletir os posicionamentos políticos dos gestores que estão no poder e nem sempre correspondem às reais necessidades de mudança pelas quais a Educação precisa passar. Para Bachelard (1938), são entraves que acarretam no estancamento da organização do pensamento científico e no empobrecimento do mesmo. Também são percalços enfrentados para uma inovação na prática docente.

Toda essa relutância diante do novo não está restrita apenas às acepções políticas, trata-se também do reflexo de um entendimento equivocado que insiste em ser preservado por uma sociedade que prima mais pelos “conhecimentos instituídos” sobre a Educação Escolar do que pelos anseios de mudança e indagações sobre esses conhecimentos.

Portanto, uma renovação na Geografia Escolar demanda muito mais do que a troca dos conteúdos e assuntos a serem abordados dentro da sala de aula, há de se estabelecer um processo que resulte a partir de um debate político, teórico-metodológico e epistêmico considerável, que leve à transformação na maneira de pensar e agir da comunidade escolar, ou seja, uma abertura para que novas sugestões de ações se desenvolvam alinhadas às constantes transformações pelas quais o mundo passa.

Segundo Brito (2009), é nesse contexto de inovação, criatividade e ruptura que surge a preocupação com o ensino de geografia, que por meio dos diferentes tempos históricos passou por várias transformações de cunho epistemológico,

filosófico e prático, procurando atender assim as demandas e as necessidades da sociedade moderna, globalizada, informatizada e informada.

2.1 O ensino da geografia na escola do século XXI – Inovação e (des)motivação

Diante das transformações que ocorreram no globo terrestre, no período que findava o século XX e se iniciava o XXI, o ensino das Geografia nas escolas precisou se firmar para adquirir um papel relevante que o levasse a caminhar junto aos novos caminhos percorridos com a globalização e com a terceira revolução industrial.

Ressalta-se que, no período pós segunda guerra mundial, a disciplina escolar Geografia quase foi extinta, principalmente pelo fato de ser ministrada com valorização do método da “decoreba”. Conforme pontua Vesentini (2009), nos Estados Unidos e em alguns outros países, por exemplo, ela foi abolida nas escolas e passou a ser agregada à Sociologia e à História, formando uma nova disciplina chamada Ciências Sociais.

No Brasil, na época do governo militar, ocorreu o mesmo, passou a ser ofertada a disciplina Estudos Sociais, resultado da união da Geografia com a História. Naquela época (até os anos da década de 1970) predominava o modelo de escola técnica mercantil e os temas que levavam a uma reflexão sobre as relações humanas foram deixados em segundo plano. Disciplinas como a Geografia ou eram suprimidas ou tinham a carga horária reduzida para que se aumentasse a quantidade de aulas das ciências, da matemática e das matérias com cunho profissionalizante.

Sob influências da latente Globalização e da terceira revolução industrial, a partir dos anos 1980 começa a surgir um resgate na valorização do ensino de Geografia nas escolas. Os Estados Unidos, em 1990, extinguiram a disciplina Ciências Sociais e as disciplinas Geografia e História retornaram aos currículos escolares. Esta mudança foi resultado das preocupações das autoridades americanas em revisar seus métodos educacionais, principalmente por ter sido constatado que o grande aumento da força econômica de países como Alemanha, Coreia do Sul e Japão estava fortemente ligado a superioridade comprovada dos seus métodos educacionais.

Vesentini (2009) registra que, na Geography Awareness Week (Semana de Conscientização Geográfica), realizada em Washington pelo Congresso Nacional Americano, em 1987, a pauta principal foi a discussão sobre a urgência das

reformulações educacionais e de todo americano aprender Geografia. Na ocasião, o senador Edward Kennedy, em seu discurso, ressaltou que:

Todos nós, no Congresso, imaginamos que é de vital importância melhorar nosso sistema educacional se quisermos manter a nossa posição competitiva na economia mundial. Como parte desse esforço, nós devemos nos assegurar que os jovens americanos tenham uma clara compreensão sobre como o mundo é e quais são as influências humanas geograficamente positivas (KENNEDY, E., 1987, in VESENTINI, 2009, p.71).

Na mesma ocasião, William Bradley, então senador pelo partido democrata, em seu discurso, chamou a atenção para a necessidade de mudança no ensino da Geografia naquele país, para reforçar seu posicionamento apresentou dados que comprovavam que mais de 90% dos estudantes universitários americanos eram incapazes de localizar o Vietnã no mapa-múndi e mais de 60% dos americanos não sabiam quais eram as duas nações envolvidas nas negociações conhecidas como conversações SALT, as Conversações sobre Limites para Armas Estratégicas (BRADLEY, 1987).

A Globalização levou muitos países a reconhecerem que estavam falhando ao educar sua população, deixando-a despreparada para competir em um mundo interdependente. O conhecimento de Geografia fica atrelado ao conhecimento do mundo e suas transformações. Além dos Estados Unidos, outros países se empenharam nessa nova postura educacional, destaque para Japão e Coreia, e atualmente a China, que destinaram forte investimento para que experiências no ensino de Geografia pudessem ser trocadas com outros países, inclusive com o Brasil, milhares de estudantes desses países receberam bolsas de estudos para realizarem intercâmbios em outros países e também profissionais do mundo todo eram convidados a palestrar e oferecerem cursos sobre as novas tendências no ensino que surgiam.

As propostas de renovação no ensino da Geografia também podem ser observadas na associação do ensino com a tecnologia, muitos softwares educativos foram criados buscando uma inovação na metodologia aplicada para o ensino da Geografia, tais mudanças, de certa forma, contribuíram muito para que a Geografia voltasse a ser valorizada como uma disciplina escolar.

São muitos os assuntos diretamente identificados com a Geografia, e foi inovador a inclusão de novos assuntos como objetos de estudo da disciplina; além da globalização e das questões ambientais, surgiu o enfoque necessário para que temas

como geopolítica mundial, urbanização e seus problemas, racismo, xenofobia, relações de gênero, desigualdades regionais e sociais, dentre outros, fizessem parte das discussões e reflexões em sala de aula. A renovação no ensino da Geografia também se associa ao surgimento da terceira revolução industrial, que trouxe atrelados a ela, elementos como regionalização no espaço mundial, terrorismos, conflitos ético-nacionais, aquecimento global, escassez de água potável, etc.

Para Santos (2001), há nos dias atuais, uma nova Globalização, esta abrange pessoas no mundo todo, com participação mais ativa, não é a mesma Globalização de Estados e de Empresas Multinacionais, o que temos agora é um momento de transformação em que as decisões do cidadão dispensam a autoridade do Estado, as organizações não-governamentais e as entidades representantes da população passam a ter sua força nesta construção de um novo cenário mundial.

Defende-se aqui que, atualmente, muito mais do que no passado, é imprescindível o ensino da Geografia para a compreensão do mundo. Uma nova realidade está instaurada e as marcas dessa nova realidade, deste novo período são visíveis: o avanço nas telecomunicações como e-mail e internet, a informação em tempo real; os fluxos eletrônicos de capitais, a compra de ações de empresas do mundo inteiro por um simples clique de computador.

A realidade vivida pela maior parte dos alunos adolescentes do Brasil está ligada aos recursos tecnológicos e à comunicação por meio de novas linguagens, dentre as quais está a linguagem imagética. O professor de Geografia passa a ter a oportunidade de utilizar alguns instrumentos que já fazem parte do contexto social de seus alunos para dar suporte às suas aulas e assim, evitar restringir suas aulas a uma sequência de procedimentos meramente decorativos.

Estudos realizados por Kaercher (2002) constataram que esta prática mnemônica de ensinar uma Geografia distante da realidade dos alunos ainda existe e os acompanha desde as séries iniciais, alcançando o ápice de seu efeito negativo no Ensino Médio, pois é nessa fase da vida estudantil que os adolescentes demonstram o desinteresse pelas aulas de Geografia. Assim,

[...] o ensino de Geografia continua desacreditado. Os alunos, no geral, não têm mais paciência para nos ouvir. Devemos não apenas nos renovar, mas ir além, romper a visão cristalizada e monótona da Geografia como ciência que descreve a natureza e/ou dá informações gerais sobre uma série de assuntos e lugares. Devemos fazer com que o aluno perceba qual a importância do espaço na constituição de

sua individualidade e da(s) sociedade(s) de que ele faz parte (escola, família, cidade, país, etc.) (KAERCHER, 2002, p. 223).

A saída para erradicar esse “círculo vicioso” resultará das expectativas que o século XXI estabelece como sendo uma nova postura a ser adotada pelo professor. Para Werneck (2013), o professor do novo milênio deve seguir três direcionamentos em sua carreira: saber dividir e propagar seu conhecimento com todos; livrar-se da arrogância do suposto “saber” conferido por sua titulação e praticar o que sabe.

De acordo com Piaget (1970), o principal objetivo da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que outras gerações fizeram; homens que sejam criativos, inventores e descobridores; outro objetivo é formar mentes que possam ser críticas, que possam analisar e não aceitar tudo que lhes é oferecido.

Afinal, o que se espera do Ensino da Geografia no Século XXI? Não é aquela pautada na memorização e no conhecimento superficial sobre as relações homem e natureza e nem aquela supostamente crítica, porém dogmática. Não há espaço para um ensino de Geografia que ofereça modelos prontos. Esta pesquisa defende a importância da discussão sobre uma cidadania realmente ativa, com o estudante aprendendo a pensar por conta própria, não sendo um repetidor de teorias e com um ensino que possibilite adquirir inteligências diversas e que realmente possa contribuir para a construção de uma sociedade democrática e diversificada.

Não existem conteúdos certos ou esquemas prontos para a Geografia Escolar no século XXI, existem temas fundamentais, que não podem ser deixados de lado, mas não há a necessidade de se seguir um padrão. Mas, o autoritarismo ainda presente na máquina estatal contribui para que órgãos como Secretarias de Educação e o próprio MEC (no caso do Brasil) insistam em propor métodos e conteúdos pré-definidos e sequenciais para o ensino da Geografia, interrompendo assim o alcance dos objetivos da disciplina.

Portanto, pretende-se aqui demonstrar que o ensino da Geografia tem a possibilidade de se afastar do método explicitamente teórico e preso aos livros, podendo relacionar o conteúdo ensinado com o dia a dia dos alunos e favorecer um olhar crítico às questões ambientais e às relações homem/natureza e homem/homem.

Quando o professor de Geografia se propõe a reforçar seu conhecimento com novos métodos e instrumentos didáticos, ele reforça também o seu compromisso enquanto educador com o "tratado" da Educação que preconiza contribuir para a

sociabilidade dos alunos, para que esses troquem experiências que contribuam para que venham a se tornar seres políticos, atuantes e articulados com as questões do seu lugar com o nacional e com o mundial; seres que sejam capazes de rechaçar qualquer tipo de preconceito e fundamentalismo, capazes de lutarem contra a destruição do meio ambiente, contra o terrorismo e contra a xenofobia, firmando compromisso com a construção de uma sociedade mundial que realmente respeite a democracia e os direitos humanos.

2.2 Desafios sobre o Ensino da Geografia na Sala de Aula

A preocupação com a atual conjuntura não é alvo de pesquisas isoladas, pelo contrário, há estudos de vários autores, feitos para se entender os motivos da desmotivação dos alunos e também para propor alternativas que levem a uma solução. Destacar-se-ão os motivos mais evidentes nos trabalhos realizados sobre a desmotivação dos estudantes de Geografia.

É fato que as aulas de Geografia, para muitos alunos do EM, são entediantes e não despertam entusiasmo; esta realidade se deve ao fato de que muitas delas ainda estão presas a práticas pedagógicas e didáticas que, para a sociedade contemporânea, são consideradas um tanto ultrapassadas, tendo ainda a explicação dos conteúdos feita com narrativas em aulas expositivas dentro da sala e com limitados recursos didáticos. Geralmente, o que se tem como realidade é o professor, os alunos e um texto entre eles, são aulas que não possibilitam ao aluno uma reflexão crítica sobre o tema e nem lhe dão a oportunidade de expor o que pensam e o que sabem sobre o conteúdo. Sobre esta maneira de “ensinar”, Carvalho (1998) colabora:

São conteúdos veiculados como verdades absolutas, principalmente, por meio de aulas expositivas, nas quais o professor é o detentor do conhecimento e o aluno o receptor deste. É esse o modelo de ensino de geografia que denominamos de “tradicional” (CARVALHO, 1998, p.12).

Não há a pretensão em generalizar a ciência geográfica com a afirmação acima, pelo contrário, uma vez que as várias correntes de pensamento geográfico contribuíram para uma renovação e, de certo modo, ofereceram posicionamentos críticos. A questão é verificar se a Geografia Crítica idealizada está dentro das salas de aula e se ela tem colaborado para a construção do conhecimento do aluno. E é pelo fato de essa GC se mostrar de maneira ainda tímida no ambiente escolar, que a pesquisa aponta para uma realidade de que precisa ser superada.

O mundo do novo século está marcado pelo dinamismo e as pessoas estão se adequando a este dinamismo de forma natural, para ilustrar cabe uma reflexão sobre o uso dos aparelhos de telefonia celular, que atualmente é dominado por pessoas de todas as idades, sem distinção de instrução e classe social, basta ter o interesse e a necessidade para acessar aplicativos nos *smartphones*, o que na década de 1980, era uma atitude inerente apenas aos jovens em seus computadores, videogames e outros aparelhos eletrônicos.

Os alunos do século XXI também representam essa sociedade voltada para o dinamismo, e a escola passa a representar um local em que as transformações sejam constantes, visíveis, discutidas e participativas. Porém, essa ainda não é a realidade em muitas escolas brasileiras, que, por vezes são tidas pelos jovens como enfadonhas, desagradáveis e desnecessárias, locais em que frequentam apenas por obrigação; isso acaba por interrompendo o objetivo do processo ensino-aprendizagem no auxílio da construção do conhecimento.

Bomfim (2006) destaca que, em algumas escolas, ainda há um distanciamento entre o conteúdo ensinado e as transformações que ocorrem a todo momento no mundo, o que acaba resultando em:

[...] aulas que mantêm, ainda, uma prática tradicional, tanto no Ensino Fundamental quanto no Médio e que, para a maioria dos alunos, a aprendizagem da Geografia na escola se reduz somente à memorização, sem fazer referência às experiências socioespaciais (BOMFIM, 2006, p. 107).

Para Kaercher (2004), a situação que vem sendo revelada há anos é que grande parte dos alunos veem a aula de Geografia como um momento entediante e desligado da sua realidade, de seu mundo, este não se interessa em prestar atenção às aulas porque as considera meramente decorativa, afastando-se cada vez mais do ambiente escolar. Sobre isto, o autor registra:

E, diante deste tédio restam dois raciocínios espaciais, duas práticas geográficas: ficando em sala, o aluno sonha estar em outros lugares, pelo menos em pensamento, ou, pratica uma geografia alternativa, e, simplesmente 'mata' a aula. Para tal tem que estar em outro lugar que não a sala de aula! No geral, fora dos limites (outro termo caro à Geografia) da escola (KAERCHER, 2004, p. 21).

O mundo em que o estudante está inserido se modifica a todo momento e quando ele chega na sala de aula, traz uma bagagem cheia de influências tecnológicas, sociais, políticas, culturais e "religiosas", mas nem sempre se depara com um recinto que atenda suas expectativas e indagações sobre este mundo.

Conclui-se que o Ensino da Geografia no Brasil ainda passa por entraves que fazem com que a disciplina não seja atrativa aos alunos, devido à maneira em que as aulas são conduzidas e também por apresentar uma proposta de conteúdos e conhecimentos distantes das pretensões e da realidade daqueles. São muitos os pesquisadores que buscam encontrar uma justificativa para a falta de sucesso do ensino da Geografia nos níveis fundamental e médio, dentre os quais, ressalta-se Resende (1986), que constata que:

O professor considera um aluno como um ser neutro, causando des-historização e as consequências não podiam ser outra: O aluno que não pratica do espaço geográfico que estuda, se o espaço não é encarado como algo em que o homem (aluno) está inserido, a natureza que ele próprio ajuda a moldar a verdade geográfica do indivíduo se perde e a geografia se torna alheio a ele (RESENDE, 1986, p.84).

Embora os livros disponibilizados nas escolas tenham passado pelo crivo do PNL D e o que se propõe pelos PCN's vigentes é que no ensino médio o ensino de Geografia seja voltado para uma análise sobre as transformações sociais no Globo, constata-se que ainda existe a falha ao "ensinar" sobre isto, pois somente com o auxílio do quadro negro (ou branco) e de um livro que, na maioria das vezes, que está descontextualizado com a realidade do aluno, o professor acaba encontrando dificuldades para propor uma aula crítica e reflexiva aos alunos, estes passam a ser apenas expectadores que, muitas vezes, acabam se afastando do compromisso de se tornarem cidadão adultos que se sensibilizem com os problemas locais e globais.

Pesquisa feita por Cavalcanti (2010), verificou a seguinte situação:

Os alunos da pesquisa, no geral, afirmam não gostar da Geografia estudada na escola. Pelos dados, 32% dos alunos declararam não gostar de Geografia e 10% declararam gostar "mais ou menos". Além disso, um outro dado relevante é o índice de rejeição pela matéria: 23% apontaram a Geografia como uma das três matérias que menos gostam (CAVALCANTI, 2010, p. 129).

Dentre os vários motivos que afastam o interesse dos alunos pelas aulas de Geografia, os estudos feitos sobre o tema apontam a ausência de recursos didáticos mais atrativos e a não associação dos conteúdos estudados com a realidade social em que os estudantes estão inseridos como os motivos mais relevantes. E é nessa linha de pensamento que esta pesquisa pautou seus caminhos, por também acreditar que uma mudança nesse sentido será de grande contribuição para que se alcancem resultados significativos.

Muitos autores que escrevem sobre o ensino de Geografia, dentre eles (Oliveira, 2005); (Callai, 2002); (Kaercher, 2002), apontam como sendo um dos principais fatores do problema do desinteresse pelas aulas de Geografia, o obstáculo que os professores encontram em criar uma associação entre os temas estudados e a realidade vivida pelos alunos, o cotidiano e a experiência adquirida pelos alunos.

Para evitar que as aulas de Geografia se tornem monótonas e para que os alunos não venham a se desinteressar, faz-se relevante a utilização de meios diversificados para contribuir com as ações do professor e propor uma renovação nas práticas pedagógicas.

Neste viés, Pinheiro *et. al.* (2004) ressaltam que:

Para romper esse estigma, alguns professores buscam várias maneiras de renovar o ensino. Nas transformações por que passa a escola, com vista à reformulação dos métodos educacionais, os materiais didáticos são importantes no trabalho do professor. Eles se constituem em instrumentos que possibilitam planejar boas situações didáticas, buscando promover a ampliação dos conhecimentos dos alunos, permitindo-lhes desenvolver conceitos, problematizar questões e articular conteúdo. Para isso, o professor deverá criar situações concretas de aprendizagem (PINHEIRO *ET. AL.* 2004, p. 104).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais corroboram para este entendimento, quando, sobre o ensino da Geografia, certificam que:

O ensino de Geografia, de forma geral, é realizado por meio de aulas expositivas ou da leitura dos textos do livro didático. Entretanto, é possível trabalhar com esse campo do conhecimento de forma mais dinâmica e instigante para os alunos, mediante situações que problematizem os diferentes espaços geográficos materializados em paisagens, lugares e territórios; que disparem relações entre o presente e o passado, o específico e o geral, as ações individuais e as coletivas; e promovam o domínio de procedimentos que permitam aos alunos “ler” a paisagem local e outras paisagens presentes em outros tempos e espaços (BRASIL, 2001, p. 153).

O ideal almejado nesta pesquisa é que o ensino da Geografia (e de outras disciplinas também), acima de tudo, ter a possibilidade de se comprometer em promover a emancipação do aluno, levando a este a compreensão de seus direitos bem como o aprendizado sobre a realidade que o cerca sob um ponto de vista mais complexo e aprofundado, fornecendo elementos fundamentais para a construção da cidadania, buscando torná-lo agente neste processo descontrolado que é a Globalização.

Constatados alguns motivos que desmotivam os alunos pelas aulas de Geografia e, uma vez que o sistema educacional como um todo não se modifica na prática de forma tão rápida como as legislações impõem, os professores podem auxiliar na mediação da aproximação do aluno com o conhecimento. Para alcançar êxito, há a possibilidade de lançar mão de alternativas e recursos que venham a contribuir de forma positiva para que as aulas de Geografia sejam um ambiente de discussões instigadoras.

3 FOTOGRAFIA - INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

Uma vez que o estudo da fotografia, como fonte de informação, ainda não está presente em todo o meio acadêmico e científico, a pesquisa ressalta que o professor, antes de usar a fotografia como instrumento didático, tem a oportunidade de instruir sobre conceitos e estudos feitos sobre esta técnica. E, na intenção de auxiliar o leitor para a interpretação da proposta feita nesta pesquisa, faz-se necessário discorrer sobre dois conceitos importantes defendidos aqui, a Iconografia e a Iconologia.

A Iconografia e a iconologia são dois estilos de observação capazes de decodificar as mensagens explícitas e implícitas na imagem. A primeira trata da reconstituição dos elementos visíveis que compõem a fotografia, enquanto a outra estabelece uma particularizada recuperação das informações invisíveis dentro da imagem.

Para exemplificar estes dois termos, apresenta-se uma breve análise sobre a fotografia abaixo. A partir de uma perspectiva iconográfica pode-se afirmar que retrata um senhor de meia idade conduzindo pela rua uma carreta com material reciclável e, ao mesmo tempo, um carro de luxo trafega no cenário, além de outras informações descritivas presentes na imagem. Um olhar iconológico sobre a mesma fotografia pretende levar a uma reflexão de que há situações econômicas que distanciam os indivíduos. Nas aulas de Geografia, a iconologia poderá oferecer uma análise sobre os motivos deste distanciamento, como os processos de urbanização ocorridos no Brasil, desigualdade social e consumismo, por exemplo.

Fotografia 2 - Contrastes Sociais (2010). Fotógrafo Emerson Rojas. (Disponível em <https://goo.gl/5egsFm>)



Sobre Iconografia e Iconologia, a pesquisa cita Erwin Panofsky e os métodos de análises propostos por ele. Historiador de arte alemão, Panofsky foi um professor e crítico de arte que realizou muitos trabalhos aprofundados sobre a arte medieval e renascentista, seguidor de Aby Warburg, tinha Kant como expoente e também foi influenciado por Riegl. Foi pioneiro em defender a concepção da história da arte como uma ciência da interpretação, resultado de um estudo elaborado em 1939 e que resultaria no seu legado, os primeiros estudos da Iconologia.

Em seus *Estudos em Iconologia* (1939, trad. 1986), Panofsky diferenciou os conceitos de iconografia e iconologia, defendendo as pesquisas que levaram à compreensão de iconografia como a análise do assunto e a iconologia, da significação. Para demonstrar essa diferença, Panofsky associou com a imagem de um homem “retirando o chapéu da cabeça”. Em uma primeira análise, faz-se a descrição da imagem, isto é “iconografia”; mas quando a análise aponta que o ato de retirar o chapéu demonstra a qualidade de cavalheirismo e educação, trata-se de “iconologia”. A iconologia salienta que é preciso levar em conta a influência cultural e os costumes para se chegar a uma compreensão das representações simbólicas.

No livro "Estudos em Iconologia", o autor particularizou seus pensamentos e análises sobre a compreensão da história da arte, apresentando que há três níveis de conhecimento que são associados à contemplação da imagem.

O nível "primário ou natural", que apresenta uma percepção mais simplista, em que imagem é apenas aquilo que se vê, exemplificou com o quadro da Última Ceia, neste nível só se observa um grupo de pessoas sentadas ou em pé em volta de uma mesa com alimentos, trata-se de uma análise que dispensa o conhecimento sobre a conjuntura cultural.

O nível secundário ou convencional é um passo adiante, busca associar uma igualdade entre os elementos culturais e os iconográficos, já possibilitava a algumas pessoas reconhecerem informações da sua cultura na imagem, ainda utilizando o mesmo exemplo, para alguém do Ocidente seria quase inconsciente identificar a imagem daqueles homens na mesa com a passagem bíblica da "Última Ceia", porém não se espera que alguém do Oriente faça a mesma associação.

O terceiro nível prima pelo conteúdo, é a iconologia, considera-se a história pessoal do observador, seus valores culturais e sociais para proporcionar o entendimento de que a imagem não é um episódio desassociado dos acontecimentos. Este nível busca sintetizar e unir os anteriores a uma nova proposta investigativa, que é entender qual o significado, quais os "porquês" daquela representação.

Kossoy (1999), adaptou os preceitos de Panofsky (1939) para o campo da fotografia, trazendo os estudos da iconologia para análises de elementos específicos da fotografia, metodologias essas que contribuem para que informações históricas sejam preservadas e resgatadas a partir de uma análise mais minuciosa do conteúdo imagético. Para ele,

[...] toda e qualquer imagem fotográfica contém em si, oculta e internamente, uma história: é a sua realidade interior, abrangente e complexa, invisível fotograficamente e inacessível fisicamente. [...]

A fotografia tem sido aceita e utilizada como prova definitiva 'testemunho da verdade' do fato ou dos fatos. Graças a sua natureza físicoquímica – e hoje eletrônica – de registrar aspectos (selecionados) do real, tal como esses de fato se parecem, a fotografia ganhou elevado status de credibilidade (KOSSOY, 1999, p. 19).

Nesse viés, a fotografia como registro ultrapassa a intenção inicial do fotógrafo uma vez que a capacidade do observador ao interpretar a imagem alicerça-se em sua bagagem cultural e ao contexto histórico e geográfico a que pertence para realizar uma leitura crítica. O conceito de iconologia estuda como são expostos na fotografia

os princípios e as características pessoais, culturais e sociais dos indivíduos, enquanto a iconografia atenta apenas para a descrição, outrossim, fortalece que ambas são indissociáveis.

Kossoy (1999) aponta que para um estágio ideal interpretação da fotografia, faz-se necessário estabelecer uma correlação entre três etapas fundamentais, a descrição pré-iconográfica, a análise iconográfica e, por fim, a interpretação iconológica. Na ordem, descrever, analisar e interpretar. Descrever resulta da praticidade, cabendo ao observador recorrer a consultas em outros recursos quando algo é desconhecido. Analisar não se atém somente à praticidade e à consulta, exige-se um aprofundamento sobre a historicidade em que a imagem foi produzida. E, por fim, quando se busca interpretar, é preciso um aprendizado sobre os princípios que nortearam a produção fotográfica vista como uma mensagem carregada de contextos humanos, espirituais, culturais, filosóficos, religiosos e muitos outros que influenciaram na produção da fotografia, tornando esta como o resultado de uma interdisciplinaridade entre as muitas ciências humanísticas.

Há de se desvelar também o valor da iconologia diante da iconografia, não estabelecendo a ideia de que uma é oposta a outra e não deixando a interpretação de que ambas são metodologias antagônicas. Assim como Panofsky (1991) corrobora:

Devido às graves restrições que o uso corriqueiro, especialmente neste país (EUA), opõe à palavra “iconografia”, proponho reviver o velho e bom termo, “iconologia”, sempre que a iconografia for tirada de seu isolamento e integrada em qualquer outro método histórico, psicológico ou crítico, que tentemos usar para resolver o enigma da esfinge. Pois, se o sufixo “grafia” denota algo descritivo, assim também o sufixo “logia” – derivado de “logos”, que quer dizer pensamento, razão – denota algo interpretativo. [...] Assim, concebo a iconologia como uma iconografia que se torna interpretativa (PANOFSKY, 1991, p. 54).

Diante do exposto, esta pesquisa sublinha a importância de o professor conhecer e utilizar a Iconologia como um estilo de observação e interpretação de imagens.

3.1 Fotografia e (como) Ciência

Gradativamente, a fotografia vem sendo adotada nos meios científicos, principalmente devido fato já ter alcançado status de fator determinante em muitas atividades do cotidiano das pessoas, conforme escreveu Gunthert (2009, p. 13), “Hoje em dia, o verdadeiro valor de uma imagem é de ser compartilhada”.

Ao mesmo tempo em que a fotografia despertou o interesse para novas visões experimentais, valorizando a subjetividade, também reorganizou os conceitos científicos amparados e fortalecidos pela objetividade.

Ela passou a ser vista com bons olhos pela comunidade científica como sendo um instrumento a mais a ser utilizado em seus laboratórios, “uma vez que fotografando, se registrava e, conseqüentemente, chegar-se-ia ao conhecimento cognitivo sobre a coisa estudada” (Perini, 2012, p. 252). A introdução da fotografia nas ações científicas de uma maneira geral pautou-se no princípio do “ver para conhecer”, fato que já estabelecia uma associação com desenhos e pinturas utilizadas como técnicas que auxiliavam na busca do conhecimento. Rapidamente, a fotografia ganhou seu destaque de superioridade sobre as anteriores técnicas ilustrativas, firmando-se como “[...] importante ferramenta nas representações dos astros, planetas, plantas, corpo humano, células e mais um sem número de situações” (O’Connor, 1999, p. 232).

Alphonse Davanne (1879), em palestra proferida na Universidade Paris-Sorbonne, em março de 1879, se encarregou de evidenciar a fotografia como um instrumento dotado de tributos científicos que muito contribuiria para a evolução da ciência, concebendo então à fotografia o status de “disciplina”, uma vez que vinha progredindo e proporcionando auxílio em vários âmbitos do conhecimento humano" (Davanne, 1879, p. 7).

A fotografia trouxe uma reformulação nas expectativas da comunidade científica e despertou, na época, o interesse do governo da França (país que patenteou o invento da fotografia) em não medir esforços para financiamentos de expedições, projetos e experiências que pudessem se valer desta nova maneira de reprodução imagética, contribuindo se comprová-la como recurso documental e investigativo. Exemplos são os registros feitos em 1851 pela Missão Heliográfica francesa, o marco inicial da confirmação do uso da fotografia no campo científico, "foi a primeira experiência determinada à utilização da fotografia para e registrar, catalogar e inventariar o Patrimônio Histórico" (Mondenard, 1997). Esta missão também apresentou caráter geográfico, nos anos de 1850, pois tinha a função de oferecer o diagnóstico do estado de conservação do patrimônio catalogado, levando-se em conta os acidentes da natureza e a obra arquitetônica.

Porém, Gunthert (2010) ressalta que, embora as atividades científicas passaram a introduzir a imagem fotográfica em suas estratégias de pesquisa como

um recurso inovador que aproximaria com mais rapidez o resultado, também acabava desviando a atenção mais para si do que para o texto científico, representando de certa forma influência persuasiva sobre o pensamento científico, o que levou alguns autores a se preocuparem, não com uso dela na ciência, mas com a interpretação que os cientistas faziam, pois a fotografia se propunha à função heurística, capaz de levar a respostas que nunca seriam encontradas sem ela.

Não demorou muito tempo para que a fotografia passasse a contribuir para o avanço de outras ciências, inclusive da Medicina. Nos dias atuais, a fotografia é responsável por mais uma função dentro do contexto científico, ela consegue favorecer a uma afinidade entre o público leigo e o texto científico. É clara a aproximação dos trabalhos de pesquisas científicas com a imagem fotográfica pois, como afirmou Flusser (2002, p. 10) “imagens como a fotografia fornecem pensamentos menos abstratos do que os textos”.

Esclarece-se que o ato de fotografar e o recurso tecnológico utilizado na produção de uma imagem não são garantias para que a mesma possa ser representativa de uma ciência. Para que uma fotografia ou qualquer símbolo imagético possa representar suporte às pesquisas científicas, ela pode:

[...] contemplar três princípios primordiais: trazer a informação de forma clara e assimilável; repassar a mensagem científica a que se propõem com interpretação possível também àqueles que não a conhecem e; estabelecer a sintonia e a emoção necessária para potencializá-la como elemento de informação e de transmissão de conhecimento (CORREIA, 2011, p.57).

A partir dessas premissas, forma-se então um objetivo a ser alcançado pela ciência utilizando-se da fotografia. A exemplo, no Brasil, desde 2011 ocorre o “Prêmio de Fotografia – Ciência& Arte”, promovido pelo CNPq, que busca premiar fotografias associadas com temas de pesquisas científicas, dentre os critérios de julgamento e avaliação da imagem, estão a relevância para a pesquisa e a contribuição ao conhecimento para a popularização científica, como se detalha na tabela abaixo, constante no artigo 12, do capítulo IV, do regulamento do 1º “Prêmio de Fotografia – Ciência& Arte”, de 2011:

Tabela 1- Critérios de Julgamento – Prêmio de Fotografia/CNPq.

Critérios	Pontuação
a) Originalidade e Ineditismo	20
b) Inovação e Impacto Visual	20

c) Contexto da Pesquisa	20
d) Contribuição ao conhecimento para a popularização e divulgação científica e tecnológica	20
e) Qualidade estética	20

A relação entre fotografia e ciência data de muito tempo e, cada vez mais, o produto imagético tem aproximado o público em geral da ciência e da tecnologia, a imagem registrada possibilitou ao homem uma reflexão sobre sua percepção de mundo, além de registrar, construir e eternizar a realidade. Ela também contribuiu para que o invisível fosse mostrado, o microscópio e o infravermelho são exemplos dentre muitos outros casos em que a fotografia acompanhou a evolução tecnológica e agregou novas técnicas de captura que contribuem cada vez com o desenvolvimento do pensamento científico.

Esta pesquisa considera a Fotografia também uma ciência e sustenta esta posição nos apontamentos de Chalmers (1994):

Seu caráter científico, contudo, também não pode ser descartado, pois a evolução tecnológica influencia a maneira de se realizarem as fotografias, sua construção e disseminação, entretanto, mesmo as ciências mais exatas, como a matemática, possuem uma dimensão social, a qual é cada vez mais analisada por sociólogos, que verificam *os processos implicados na construção social do conhecimento científico* (CHALMERS, 1994, p. 13).

A comunicação por imagens antecede ao texto escrito, aos cálculos matemáticos, às fórmulas químicas e ao pensamento filosófico, portanto, seria simplista (para não dizer conformista) demais, evitar o estudo daquelas como elementos científicos.

3.2 A Fotografia e suas contribuições para a leitura da construção social do Mundo.

Para Kossoy (2014), "toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época" (2014, p. 38). Ou seja, antes de fotografar, ele idealiza a mensagem a ser retratada, une-se então a visão de mundo ao tema a ser iconizado, transformando, por meio tecnológico, a realidade em registro de um conglomerado de informações.

Embora, atualmente, o uso desta linguagem tornou-se banalizada, no bom sentido, pela facilidade proporcionada pelos aparelhos de telefonia celular, há de se considerar academicamente a relevância da fotografia como instrumento fortalecedor na construção do conhecimento. Para tanto,

[...] o ato do registro, ou processo que deu origem a uma representação fotográfica, tem seu desenrolar em um momento histórico específico (caracterizado por um determinado contexto econômico, social, político, religioso, estético etc.); essa fotografia traz em si indicações acerca de sua elaboração material (tecnologia empregada) e nos mostra um fragmento selecionado do real (o assunto registrado) (KOSSOY 2014, p. 41).

Nesta pesquisa, a fotografia não é tratada apenas como uma imagem, mas sim como "instrumento" transmissor de mensagens, de informações, de conceitos e de transcrições e funciona também como um dos meios para o registro das transformações do mundo.

Dentre as várias invenções oriundas da ciência com a Revolução Industrial (Séc. XIX), a fotografia destacou-se por oportunizar também a modernização do conhecimento, uma vez que rapidamente se firmou como apoio a muitas pesquisas desenvolvidas no meio científico e, de forma rápida e natural, a câmera passou a registrar a vida das pessoas pelo mundo todo. Com o uso desta novidade, as pessoas tiveram então a oportunidade de se aproximar mais de outras culturas e realidades de povos e lugares que nunca visitaram, foi a visualização daquilo que, até então, só havia sido descrito de forma escrita ou falada.

A expansão da indústria gráfica proporcionou o aumento de fotografias impressas como um atrativo a mais na informação, marcou-se um período em que surgia uma nova maneira de aprender. Por meio da "fotografia", a informação sobre paisagens, culturas e povos distantes, passou a ser acessível a um maior número de pessoas.

A partir do século XX, o mundo já era, paulatinamente, recolocado por meio da sua própria fotografia, sua ilustração passou a ser vista pelos seus "quatro cantos". A fotografia apresentava-se cada vez mais detentora de multifuncionalidades, podendo ser considerada como apenas um objeto para recordar momentos e pessoas ou até um importante instrumento para registros documentais e denúncias, uma vez que "revela" a história e a "verdade", fato este que também contribuiu para que seja usada facilmente de forma negativa e manipuladora, pois muitos ainda a considera imparcial e objetiva. A história e a descrição do mundo, a partir da existência da

fotografia, sempre estariam associadas ao registro imagético e, esta, buscando alcançar o status de documento, alicerça-se nas suas cinco funções, propostas por Rouillé (2009), arquivar, ordenar, modernizar os saberes, ilustrar e informar.

Sobre a última função indicada por Rouillé (2009), destaca-se a contribuição de Osório (2013, p. 8) quando registra que “o caráter informativo da fotografia teve bastante destaque e ganhou força durante os períodos de guerra, quando houve uma grande aliança entre a fotografia e a imprensa, e o surgimento do foto-repórter”.

Defende-se aqui a interpretação da mensagem transmitida pela fotografia, para fins de pesquisa, sob a ótica do observador, respeitando a pluralidade cultural entre os agentes da mensagem e a relação existente entre o ato de fotografar e o ato de observar/analisar, considerando um diálogo entre o autor e o leitor. Sobre essa relação, pode-se dizer que,

A recepção da imagem subentende os mecanismos internos do processo de construção da interpretação, processo esse que se funda na evidência fotográfica e que é elaborado no imaginário dos receptores, em conformidade com seus repertórios culturais, seus conhecimentos, suas concepções ideológicas/estéticas, suas convicções morais, éticas, religiosas, seus interesses econômicos, profissionais, seus mitos (KOSSOY, 1999 p. 42).

Atenta-se aqui, à finalidade da fotografia em representar a realidade, considerando-a como um documento que fornece uma leitura com reflexão crítica sobre o mundo que se constrói a partir dos diferentes valores culturais e sociais dos povos. Sendo a fotografia um instrumento que busca “dizer algo”, ela assume o papel de oferecer ideias e conceitos a serem analisados e discutidos, ultrapassando uma possível simples percepção da imagem para se tornar, a possibilidade de uma linguagem a ser adotada como forma de expressão.

Para ilustrar este posicionamento, escolhe-se a foto de 1972, registrada pelo fotógrafo Nick Ut, em Trang Bang, durante a Guerra do Vietnã, quando uma bomba de Napalm destruiu aquele vilarejo e que, apontando para o estudo geográfico pode ser analisado tal fato tanto pelo lado da destruição do meio ambiente quanto das consequências sociais resultantes do episódio.

Fotografia 3- Kim Phuc (1972) – Um Símbolo pela Paz – Fotógrafo Nick Ut). (Disponível em <https://goo.gl/tm1sZD>)



Trata-se de uma fotografia que dificilmente será percebida como uma imagem que não instiga o leitor a uma reflexão sobre as consequências que uma guerra traz e, importante ressaltar que estudantes do mundo todo são levados a refletirem sobre os motivos que levaram a essa guerra e que, por vezes, se focam apenas nas questões políticas. Na foto, embora haja várias pessoas retratadas, a atenção do mundo se voltou a apenas uma delas, que, assim como a "foto", tornar-se-ia um símbolo da luta pela Paz, trata-se de Kim Phuc Phan Thi, na época, uma criança com nove anos de idade. Atualmente, Kim é ativista mundial pela promoção da Paz e pela defesa de crianças vítimas das guerras dos adultos ("O perdão me libertou do ódio", escreveu Kim em sua biografia, "*The girl in the picture*").

Desnecessário é aqui tentar argumentar sobre a interpretação que essa imagem requer de quem a observa, uma vez que se acredita que a bagagem cultural já leva a uma pequena pausa para reflexão sobre a mensagem que buscou-se revelar. Ainda sobre a fotografia de 1972, este pesquisador espera que, no universo acadêmico, ela tenha transcendido a um caráter meramente testemunhal e informativo para exigir um posicionamento crítico de seu observador, fortalecendo assim o "poder" da fotografia no campo científico.

Em um contexto mais amplo, saindo do campo emotivo que a fotografia de Kim abraçou, é relevante destacar que a mesma influenciou a opinião pública na

época a se voltar contra a Guerra do Vietnã e a intervenção dos EUA (responsável pelo ataque), colocando a sociedade mundial como um todo com o poder de decisão sobre a questão, passando a ser agente também nas ações que levaram ao fim do conflito. , ou seja, pelo menos neste caso específico (ou isolado), a fotografia influenciou na construção do mundo ao representar a realidade.

A abrangência da informação transmitida pela fotografia comprova-se em não ter limites no enfoque de uma construção social, tornou-se linguisticamente um meio de disseminação de mensagens que fortalecem o campo do conhecimento e da pesquisa, proporcionando às pessoas a oportunidade de interagirem nas ações transformadoras.

3.3 A intrínseca conexão entre Fotografia e Geografia

O contato inicial entre estas duas ciências foi a contribuição para registros geográficos feitos pelo uso do "daguerreotipo", primeiro processo fotográfico a ser anunciado e comercializado ao grande público, utilizando um antigo aparelho fotográfico inventado por Daguerre (1787-1851), físico e pintor francês, que fixava as imagens obtidas na câmara escura numa folha de prata sobre uma placa de cobre, antes da fotografia propriamente dita.

Já, no século XIX, com as expedições além-mar, fotógrafos, sujeitos às muitas inospitalidades, foram em busca de registros das terras e paisagens do outro lado do Mediterrâneo, o desconhecido fascinava e a oportunidade de fotografar, bem como as imagens das Pirâmides do Egito, do Império Otomano, da Palestina, ruínas e o exotismo das culturas, tudo se transformava em motivo para registro.

Desde sua invenção, a fotografia serve ao geógrafo, principalmente por se tratar de uma maneira de se registrar a paisagem. Até porque,

[...] o congelamento do gesto e da paisagem, (e porque não dizer, das individualidades) e, portanto, a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória: memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, da natureza. A cena registrada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível (KOSSOY. 2014, p. 155).

Partindo da premissa que “paisagem” é um conceito amplamente estudado pela Geografia, este novo registro imagético pôde capturar e congelar o resultado de fenômenos que poderiam ser analisados posteriormente, sem falar da possibilidade do ineditismo no registro do acesso a lugares até então, de difícil acesso, a fotografia

concebeu a documentação abordando a neutralidade e objetividade que as ciências da observação exigiam.

Destaca-se que se trata da França do século XIX, período em que fotografia contribui de forma mais atuante nos trabalhos geográficos, quando ligados ao ambiente florestal e às ações político-administrativas que propunham um estudo alicerçado sobre fotografias de obras realizadas com fins de restauração paisagística em ambientes de montanhas, objetivando documentar os serviços da política de “Restauração de Terrenos de Montanha” (RTM – *Restauration de Terrains en Montagne*), política francesa promovida, entre os anos 1860 e 1880, pela “Administração de Águas e Florestas” (Administration des Eaux et Forêts), buscando uma produção de documentos que registrassem a degradação dos ambientes de montanha.

Dessa forma, com um caráter documental, político e também pedagógico, a imagem daria suporte aos futuros tomadores de decisões, como prova de eventuais degradações e influência nos projetos de recuperação, apontando também para a necessidade de se colocar legendas claras para que as pessoas que desconhecessem o ambiente fotografado pudessem compreender o fenômeno além das meras generalizações, sendo essa uma perspectiva que não pode se ausentar no ofício do geógrafo, (Galano, 2000).

Décadas adiante, as paisagens antropizadas seriam bastante fotografadas, a exemplo, tem-se as documentações de Antoine Campagne sobre o desmatamento nos Pirineus franceses e a contribuição de Charles Kuss e Paul Mougín nos registros da interação dos povos locais e a paisagem dos Alpes. O modelo francês apresentou resultados que levaram a ser seguidos por países como Áustria, Itália e Suíça, valendo-se da mesma técnica para acompanhar com muita intensidade os projetos florestais daqueles países, até a década inicial do século XX (STEINKE, 2014).

Destaque para a importância da contribuição das fotografias aéreas na Geografia. Em 1858, Gaspar-Félix Tournachon, conhecido como Nadar, realizou as primeiras fotografias a partir de um balão parado sobre a cidade de Petit Bicetre, na França, as imagens foram perdidas devido à contaminação com os vapores e gases que escapavam do invólucro. Poucos anos depois, Nadar fez com sucesso as primeiras fotografias aéreas de Paris, permitindo uma observação estereoscópica. Entre o final do século XIX e o início do XX, com os aperfeiçoamentos técnicos dos aparelhos estereoscópicos de captura no campo militar, desenvolveu-se a ciência

fotogramétrica, na qual as fotografias são oportunamente combinadas com a triangulação, endireitadas e colocadas em escala, a fim de se obter cartas fotográficas ou para a derivação de cartas desenhadas. No entanto, foi a partir dos anos de 1930 que se intensificou o uso da fotografia a partir de aeroplanos.

Na época a fotografia aérea ainda apresentava a linguagem do corte, do enquadramento, sem a globalidade dos panoramas. Os primeiros experimentos de fotografia panorâmica (fotografias que abraçam um arco de horizonte extenso e circular) remetem aos anos quarenta do século XIX e proporcionaram tanto a técnica da junção de diversos fotogramas em uma única imagem, quanto a preparação de aparelhos fotográficos especiais capazes de fornecer imagens de formato panorâmico.

O uso de fotografias aéreas possibilita a obtenção de dados qualitativos e quantitativos em diversas áreas das ciências e engenharias, com destaque aqui para a produção cartográfica, pois constitui matéria-prima de base para tal objetivo. A análise das fotografias aéreas oferece grande suporte em relação ao trabalho de campo. Em trabalhos que envolvem grandes áreas, essas fotografias possibilitam a determinação rápida de alguns parâmetros que seriam difíceis, demorados ou onerosos caso fossem obtidos única e diretamente no campo.

Embora com recursos bem mais sofisticados, que vão além da relação fotógrafo/fotografia, não se pode deixar de destacar a fundamental e crescente importância do Sensoriamento Remoto na pesquisa geográfica. Atualmente já existe um expressivo número de satélites em operação, que disponibilizam de grandes e abrangentes partes do planeta, em altas resoluções e destinadas às mais variadas aplicações, favorecendo, através do estudo e interpretação de imagens, um monitoramento das alterações que podem ser observadas na superfície da Terra.

Lembrando que, nesta pesquisa, utilizamos fotografias convencionais e o fotógrafo, nas ocasiões aqui relatadas, embora não conscientemente, atua também como um cientista da paisagem quando interfere com sua máquina na construção da compreensão e do conhecimento geográfico.

Caso necessite, o geógrafo tem a oportunidade de estabelecer um compromisso desafiador para o uso da fotografia, estabelecendo seu uso condicionado a uma análise crítica sobre o tema, colocando a fotografia no mesmo patamar de importância que esta recebeu em outros documentos históricos e científicos. Ainda que há uma próxima relação entre objetividade e ciência, a fotografia

é documento que não representa uma interpretação forçosa e tendenciosa, possibilitando sempre estudos variados e em conformidade com o ponto de vista do observador, como pontua Métaillé (1997, p. 95), “não devemos utilizar a fotografia como se fosse um documento objetivo que, uma vez lido, seria imediatamente compreendido”. O método científico confirma que toda fotografia precisa ser interpretada.

Apesar de oferecer uma valiosa oportunidade de complementação e suporte ao estudo científico, acredita-se que a fotografia ainda não ganhou o destaque merecido dentro da Geografia, haja vista o pequeno número de trabalhos e revistas científicas trazendo-a como tema relacionado à Geografia, bem como a utilização da mesma em outros casos que possam vir a potencializá-la como fonte de informação científica.

A fotografia não busca na Geografia uma substituição a outras linguagens, como a Cartografia, por exemplo, que é bastante explorada para as representações espaciais; muitos trabalhos da ciência geográfica apresentam as informações cartográficas de maneira intensa e usam fotografias com o foco ilustrativo e não informativo. Porém, constata-se que o meio científico ainda não favoreceu à oportunidade de comprovar a consistência científica de trabalhos puramente imagéticos, como se sua essência fosse privilégio apenas das artes. Mesmo após o aparecimento da Geografia Moderna, as representações imagéticas ainda são utilizadas dependendo de outras fontes, comprova-se então que os registros fotográficos ainda são utilizados muito aquém do seu potencial.

Assim como nesta pesquisa, os trabalhos que procuram estabelecer vínculos acadêmicos entre Fotografia e Geografia buscam propor aproximações que se comprovem em bases teóricas em indicar maneiras de aplicações. Ênfase para alguns autores da Geografia Internacional que propõem valorizar a temática, dentre eles, a professora italiana Tania Rossetto (2004) e seu trabalho *“Fotografia e Letteratura Geografica: linee di un’indagine storica”*, no qual aponta questões centrais da relação da Fotografia com a Geografia.

Constata-se que pouco foi trabalhado para que o tema “imagens” se tornasse de fato um eixo de pesquisa na Geografia. Como já foi citado, apenas as representações cartográficas tiveram seu espaço, sendo a fotografia relegada a um campo correlato ou distante da discussão teórica da Geografia, fato que desfavoreceu

a aproximação e aprofundamento das relações conceituais entre Geografia e Fotografia, inclusive no Brasil.

Esta pesquisa, de certa forma, tenciona incentivar a discussão do tema, uma vez que defende o posicionamento de que a presença da fotografia pode suscitar a expectativa de que a cada abordagem inovadora com uso da imagem, seja possível um aperfeiçoamento na sua utilização, para fortalecê-la como elemento de análise geográfica. A fotografia também representa um método para se interpretar o mundo, pois ela propõe uma linguagem visual da realidade de forma mais detalhada. Sobre isso, AUMONT (1995, p. 276) declarou: “Com isso a percepção do mundo se tornou mais aprofundada e complexa. Embora a fotografia – e o cinema – não revelem nada do mundo no sentido literal, contribuem educativamente para o ver melhor”.

3.4 Fotografia como suporte no ensino e na aprendizagem de Geografia

Frente as céleres transformações pelas quais a sociedade e o mundo passam, propõe-se um estudo da Geografia incumbida de oferecer uma proposta de estudo que venha analisar e oferecer a compreensão das transformações socio espaciais, como componente curricular, não cabe ser ministrada e estudada de maneira apática, defende-se a relevância em motivar os alunos para que o interesse pelas aulas e pela Geografia esteja presente.

Não há uma fórmula para que a realidade mude no ambiente escolar, então os professores buscam metodologias de ensino que possam contribuir para suas aulas, com o objetivo de aliar o processo de ensino-aprendizagem ao interesse e motivação do aluno. Assim, “muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais, e tanto professores como alunos temos a clara sensação de que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas” (MORAN, 2006, p. 11).

Esta pesquisa se pauta sobre o ensino de Geografia e aponta como possibilidade de subsídio para auxiliar professores e alunos, a inserção de “novas” linguagens como instrumento didático nas aulas de Geografia, que aliadas ao conhecimento e à experiência do professor, objetivam contribuir para a motivação e participação do estudante nas aulas. Destaca-se que a inserção de um novo recurso não leva à eficácia do novo método; para que isso ocorra, o professor precisa ter o domínio técnico associado ao domínio do tema e uma nova postura para avaliações, de acordo com as particularidades do aluno diante do uso desses recursos “inovadores nas aulas”. Assim,

[...] atualmente é indiscutível que a produção cultural seja um importante aliado do ensino escolar. Vários conteúdos da escola podem ser auxiliados com utilização de obras literárias, artes plásticas, canções, peças teatrais, imagens, gibis, dentre outros. Compreendemos, também, ser papel da escola estimular e socializar o conhecimento de várias formas de expressão cultural, orientando e fornecendo elementos para uma análise crítica da realidade (SILVA, 2007, p. 43).

Nesta linha de valorização do uso de novos recursos, embora se sobressaia as aplicações que envolvem o uso das TIC's, vídeos e músicas, propõe-se aqui a utilização de fotografias como recurso didático no ensino da Geografia, uma vez que se entende que esta firma-se com grande utilidade neste propósito, não apenas por ter a função de “materializar” paisagens e espaços geográficos, mas, dentre muitas possibilidades, oferecer aos alunos uma reflexão a respeito das transformações que seu lugar e o mundo sofreram a partir das ações humanas sobre o meio, em diferentes espaços temporais.

E, primando para que seja possível um ensino de Geografia que desperte esta reflexão do senso crítico do aluno como ser transformador é que esta pesquisa busca oferecer uma leitura que apresente de forma clara a importância da inserção também da fotografia como uma postura metodológica que o professor pode adotar em suas aulas, oportunizando aos alunos se tornarem agentes na (re) construção da sociedade em que estão inseridos, pois,

A partir da percepção que os alunos têm do meio em que vivem, é possível que o currículo da Geografia possa ser trabalhado de uma forma dialogada e interativa, caracterizada por uma constante troca de experiências, permitindo que os limites da escola possam ser extrapolados e que nossos alunos se tornem atores biopsicossociais capazes de adquirirem uma postura crítica em relação aos fatores naturais, científicos e sociais (TRAVASSOS, 2001, p. 2).

Tenciona-se então fortalecer a ideia de que se faz necessário que os alunos saiam da simples interpretação textual de palavras e que se habituem à análise e interpretação de imagens, uma vez que, como pontua Kenski (2005, p. 127) “na verdade, somos todos analfabetos para a leitura de imagens [...]”

Faz necessário enfatizar que a pesquisa buscou compreender a fotografia não apenas como ilustração da mensagem contida nos textos geográficos, e sim como fonte de investigação para extrair as informações transmitidas que propiciaram a uma análise que levasse ao conhecimento da realidade retratada pela imagem.

Para que a fotografia se consolide como recurso didático nas aulas de Geografia, cabe ao professor atentar-se para que a escolha das imagens esteja

associada com os conteúdos que estão sendo ministrados nas turmas com as quais trabalha, evitando dessa forma que a proposta não venha a incorrer em atividades isoladas, sem conexão com a temática abordada. Uma vez que o seu uso não intenciona substituir outras fontes de informação geográfica, mas sim se juntar a elas.

Neste viés, quando bem explorada, a utilização da fotografia como suporte no ensino de uma Geografia passa a ser de grande relevância na construção do conhecimento geográfico. Dessa forma,

[...] por mais que a fotografia seja produzida com certa finalidade, a sua representação vai conter um meio de informação e conhecimento, e o seu conteúdo irá ajudar o aluno a se constituir como um leitor crítico [...], levando-o à compreensão de conceitos e acontecimentos, muitas vezes, abstratos e complexos. [...] quando se observa determinada imagem, fica-se imaginando o que aconteceu no passado, o porquê, ou como será no futuro, e, por alguns minutos que seja, viaja e começa-se a refletir sobre a imagem à frente [...] (ASARI, ANTONIELLO e TSUKAMOTO, 2004, p.1994).

Vale ressaltar que a fotografia como alternativa didática só assume a posição de educativa quando há intenção pedagógica de se ensinar e aprender. É importante que o professor saiba utilizar de maneira eficaz este recurso para a exploração do conteúdo geográfico, acrescentando o domínio sobre a mídia ao referencial teórico e metodológico de sua disciplina.

Embora os livros didáticos já tragam fotografias para ampliar a abordagem dos assuntos, atualmente, ainda existe, em grande parte das escolas brasileiras, um ensino de Geografia ultrapassado, que usa a fotografia apenas como recurso ilustrativo dos textos estudados, o que acaba por reforçar a ideia de matéria decorativa.

O uso da fotografia, neste contexto, representa uma maneira a mais para se compreender o espaço e as transformações ocorridas nele, e também se trata de um canal para levar o aluno a um contato mais aprofundado com o lugar em que vive e com as pessoas que lá estão, entendendo a influência que estas têm na transformação do espaço. Este canal se caracteriza por meio da criatividade e comprometimento do professor, quando este se propõe a estabelecer a discussão, por meio das imagens, dos detalhes geográficos, sociais e históricos relacionados à paisagem, bem como os resultados e transformações ocorridos.

No entanto, é preciso enfatizar que “a percepção parcializada da realidade rouba ao homem a possibilidade de uma ação autêntica sobre ela” (FREIRE, 1980, p.34), ou seja, o professor, ao adotar o trabalho com fotografias, deve se preocupar

em usá-las didaticamente objetivando proporcionar com clareza a percepção que os estudantes deverão ter dos aspectos físicos e sociais que caracterizam o espaço estudado.

Estudos feitos sobre o ensino nas escolas brasileiras apontam que ainda há situações em sala de aula que já despertam mais o interesse dos alunos. Sobre isto, Oliveira (2005) registra que:

O saber que vem sendo ensinado nas escolas, sobretudo de primeiro e segundo graus ainda está muito longe de permitir aos jovens a compreensão do mundo em que vivem, e muito menos ainda tem permitido abrir-lhes horizontes para sua transformação (OLIVEIRA, 2005, p. 13).

E é buscando modificar esta realidade que se apresenta aqui a proposta de discorrer sobre a “Fotografia” com o intuito de robustecê-la como recurso didático fortalecedor e contribuinte para a construção do conhecimento crítico, social, cultural e, principalmente, geográfico.

A inclusão da fotografia, como instrumento para associar o conteúdo ministrado com imagens e discussões sobre elas, se feita de maneira que propicie interpretações e análises críticas dos alunos, poderá levar a uma superação no processo de ensino da Geografia, uma renovação, um avanço para o despertar do interesse dos estudantes sobre as aulas.

4 O EXPERIMENTO: FOTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO MOTIVADOR NAS AULAS DE GEOGRAFIA.

4.1 O Campo Empírico - Escola CEJAR e alunos.¹

A Escola Estadual Cel. José Alves Ribeiro, sediada à rua José Bonifácio, nº 595, Bairro Alto, destaca-se pelo amplo espaço físico. Sua localização no município favorece o fácil acesso por diferentes vias, meios de transporte e de comunicação. Além disso, é contemplada por inúmeros serviços existentes nas suas imediações como: hospital, casas comerciais em geral, parque gráfico, emissora de rádio, provedor de internet, entre outros.

Considerada uma escola de grande porte, conforme classificação de sua entidade mantenedora e, apresentando uma infraestrutura considerável em termos de espaço físico, equipamentos e localização geográfica, esta Unidade de Ensino é constantemente utilizada para sediar eventos de cunho político, educacional, cultural, esportivo, religioso e muitos outros de grande relevância para a Escola, para o município e até mesmo para os municípios vizinhos.

A Escola atende a uma demanda proveniente de diferentes classes sociais cujas residências, em sua maioria, localizam-se em bairros e vilas da cidade, atende também alunos residentes na zona rural e nas aldeias indígenas, que utilizam transporte escolar, além de residentes no vizinho município de Anastácio/MS.

A escola atende a uma demanda em torno de 1800 estudantes, distribuídos no Ensino Fundamental e Médio – Regular e Educação de Jovens e Adultos e atendimento educacional especializado, por meio do oferecimento de Salas de Recursos/DA e Multifuncional, Brinquedoteca e Curso Normal Médio – Habilitação em Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a que se somam o Programa Jovem Conductor e um conjunto de cursos oferecidos pelo PRONATEC (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego), em parceria com DETRAN-MS e Governo Federal, respectivamente. A escola também mantém parceria com a UFMS (Campus de Aquidauana), na execução do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) pelo curso de Biologia junto a estudantes e professores do Ensino Fundamental e Médio.

¹ (Fonte: Blog Escola CEJAR - <http://eecejar.blogspot.com.br>)

Optou-se em delimitar a abrangência somente com os alunos do 2º ano do EM, 28 alunos, pelo fato de ser nesta série em que, conforme a estrutura curricular preconizada pela SED/MS, o conteúdo da disciplina Geografia é voltado para as preocupações sobre as transformações espaciais e sociais no Globo terrestre, sendo no 1º ano, um momento de introdução do conhecimento sobre a Geografia Humana e, no terceiro, uma conclusão que busca revisar todos conceitos aprendidos e praticados nas séries anteriores.

Uma vez que o currículo escolar aprovado pela SED/MS oferta poucas aulas semanais para a disciplina de Geografia, no caso específico do 2º ano são apenas duas aulas por semana e por estarem os professores condicionados ao cumprimento do calendário escolar e ao lançamento das atividades no chamado “diário on-line”, não foi possível a realização das atividades desta pesquisa no período convencional em que ocorriam as aulas de Geografia. As ações da pesquisa foram realizadas aos sábados.

4.2 O Aprender a aprender com a utilização da fotografia na Escola CEJAR.

No primeiro contato com estes alunos, ocorreu a apresentação da pesquisa e as explicações sobre os pontos que a motivaram. E, buscando entender o que estes alunos sentem e pensam a respeito da Geografia escolar, foi solicitado que todos respondessem a um breve questionário investigativo, apenas com o objetivo de aproximar-se da visão que o aluno tem sobre suas aulas de Geografia. Conhecer as informações que traduzam o pensamento dos alunos a respeito da Geografia escolar favoreceu à elaboração dos procedimentos realizados nas aulas do projeto que envolveu a temática da pesquisa.

O questionário apresentou seis questões objetivas, antes da aplicação, como etapa introdutória, foi informado aos alunos que não se tratava de uma avaliação sobre a disciplina, o professor ou sobre o próprio aluno, e também que ali não existiam respostas certas ou erradas a serem apresentadas, sendo inclusive optativa a identificação do autor das respostas. Foi esclarecido também que a coleta desses dados, além de contribuir para a pesquisa, contribuirão para que ações sejam incluídas ou excluídas no processo ensino/aprendizagem, buscando sempre melhorar a relação do aluno com aula de Geografia.

Cada questão foi inserida de maneira que segue a um plano estabelecido para que fosse possível criar uma leitura sobre alguns aspectos relevantes para os

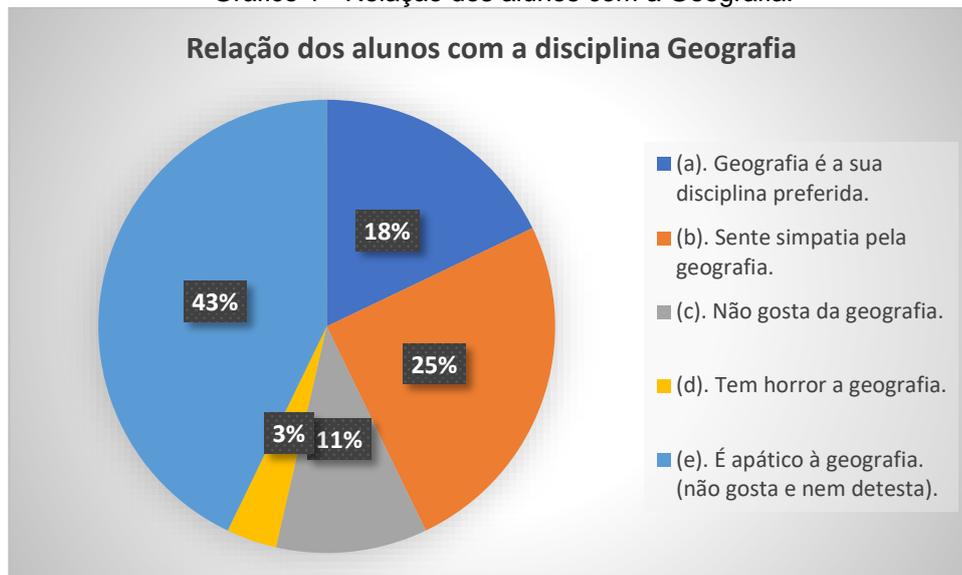
caminhos desta pesquisa. Os resultados estão apresentados logo após os apontamentos sobre as questões e, usou-se tabelas e gráficos tipo pizza-2d para que a interpretação do leitor ocorra de forma clara e precisa.

A questão inicial busca entender qual é o grau de afetividade na relação entre o aluno e a Geografia da sala de aula. “*Questão 1: Em relação à disciplina geografia você pode afirmar que:*”

Tabela 2 - Relação dos alunos com a disciplina Geografia.

	Nº de Alunos	%
(a). Geografia é a sua disciplina preferida.	5	18%
(b). Sente simpatia pela geografia.	7	25%
(c). Não gosta da geografia.	3	11%
(d). Tem horror a geografia.	1	3%
(e). É apático à geografia. (Não gosta e nem detesta).	12	43%
Total	28	100%

Gráfico 1 - Relação dos alunos com a Geografia.



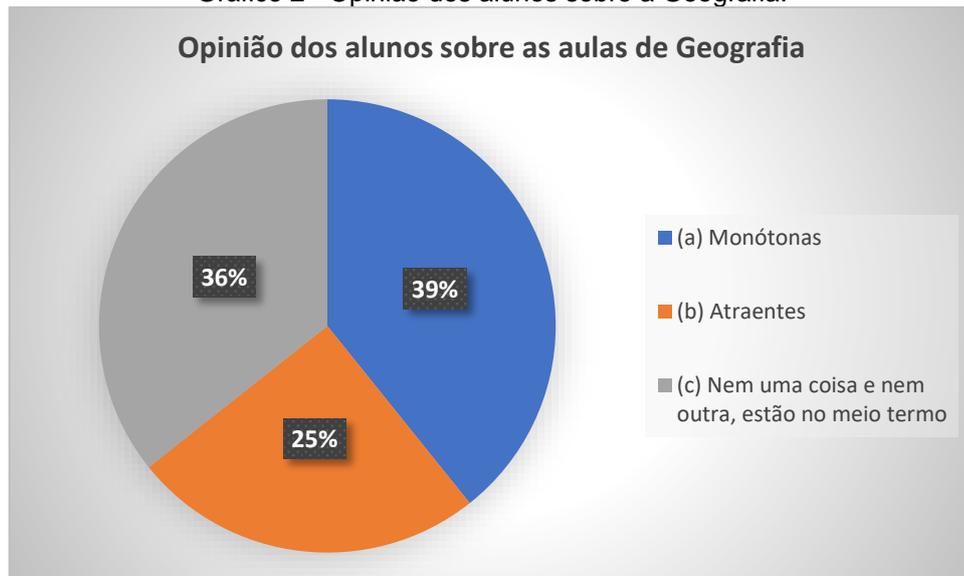
Nas duas próximas perguntas (segunda e terceira) do questionário, a intenção foi verificar se a Geografia Escolar está sendo interessante ou se, para eles, também é monótona, como apontam alguns estudos aqui apresentados e, na mesma verificação compreender de que maneira ocorreu o aprendizado desta disciplina em toda a sua vida escolar; em seguida (quarta questão), verificou-se como eles estudam, compreendem e aprendem a Geografia.

“*Questão2: Como você considera as aulas de Geografia?* ”

Tabela 3- Opinião dos alunos sobre as aulas de Geografia.

	Nº de Alunos	%
(a) Monótonas.	11	39%
(b) Atraentes.	7	25%
(c) Nem uma coisa e nem outra, estão no meio termo.	10	36%
Total	28	100%

Gráfico 2 - Opinião dos alunos sobre a Geografia.

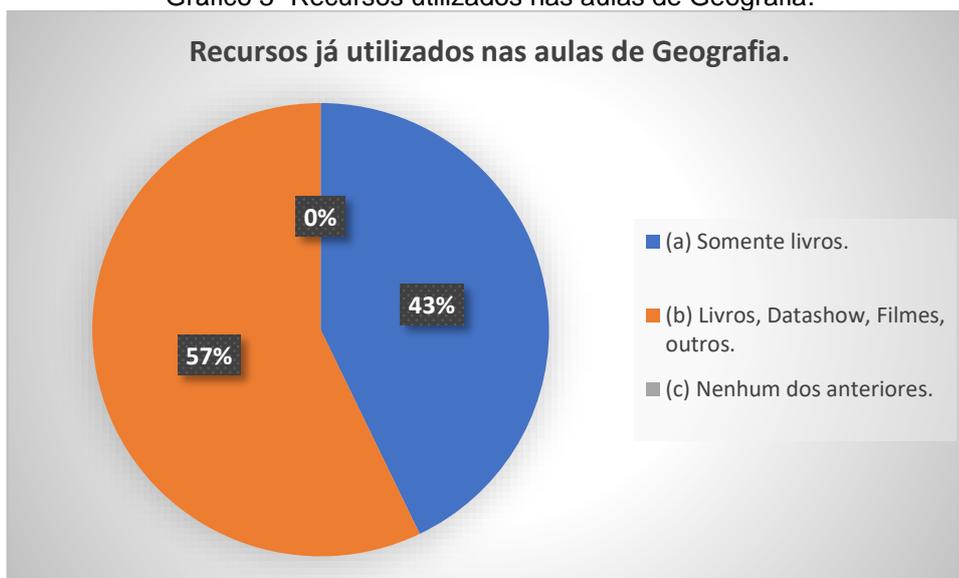


“Questão 3: Sobre os recursos usados, no seu percurso escolar, nas aulas de Geografia utilizaram-se: ”

Tabela 4 - Recursos utilizados nas aulas de Geografia.

	Nº de Alunos	%
(a) somente livros.	12	43%
(b) Livros, Datashow, Filmes, outros.	16	57%
(c) Nenhum dos anteriores.	0	0%
Total	28	100%

Gráfico 3- Recursos utilizados nas aulas de Geografia.

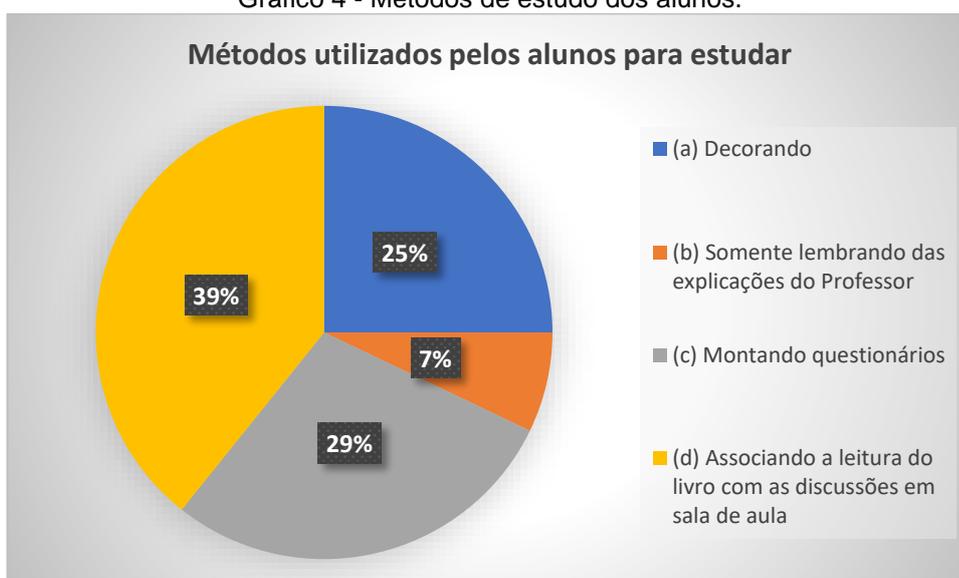


“Questão 4: Como você estuda para as provas de geografia?”

Tabela 5 - Métodos de estudo dos alunos.

	Nº de Alunos	%
(a) Decorando	7	25%
(b) Somente lembrando das explicações do Professor	2	7%
(c) Montando questionários	8	29%
(d) Associando a leitura do livro com as discussões em sala de aula	11	39%
Total	28	100%

Gráfico 4 - Métodos de estudo dos alunos.

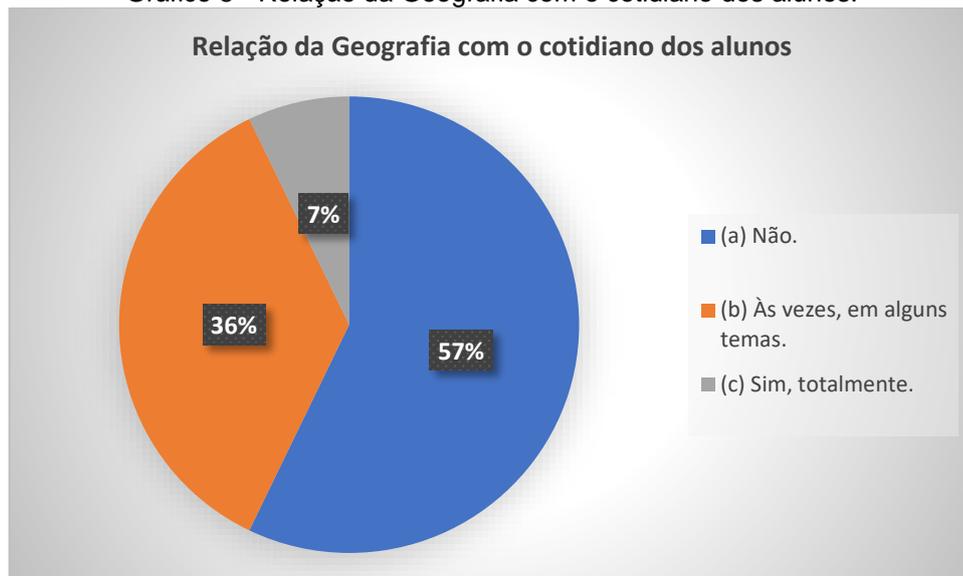


A próxima pergunta pretendeu investigar se há, na prática escolar, uma conexão entre os conteúdos estudados nas aulas e a realidade vivenciada pelo aluno no seu cotidiano, buscando verificar se esse ensino de Geografia tem se atentado a quão é importante a valorização da experiência do aluno como agente no processo de construção do lugar e do mundo em que habita. *“Questão 5: Pelo que você estudou/estuda em sala de aula diria que o ensino de geografia está relacionado com a sua realidade, com o seu cotidiano?”*

Tabela 6 - Relação do Ensino de Geografia com o cotidiano dos alunos.

	Nº de Alunos	%
(a) Não.	16	57%
(b) Às vezes, em alguns temas.	10	36%
(c) Sim, totalmente.	2	7%
Total	28	100%

Gráfico 5 - Relação da Geografia com o cotidiano dos alunos.

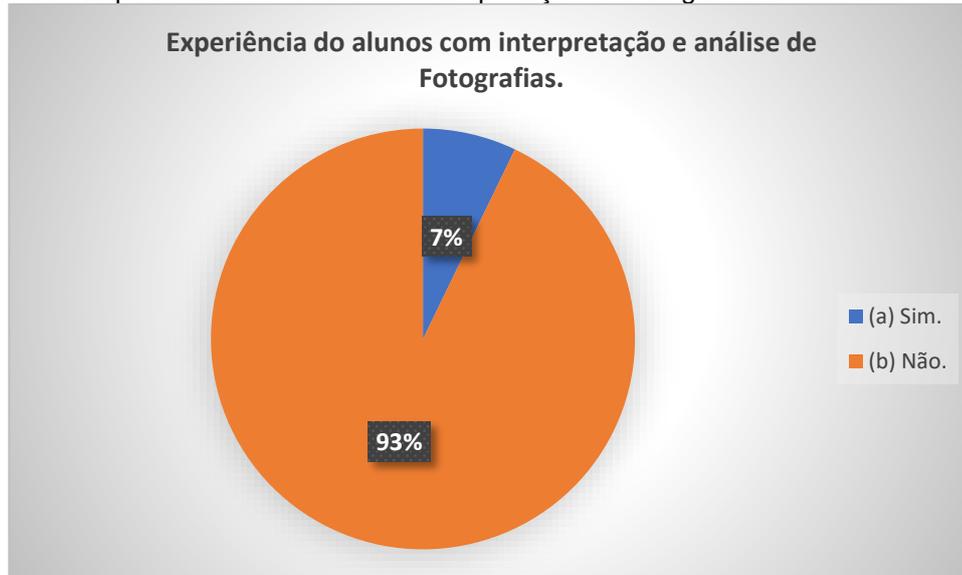


A última questão foi para averiguar se os alunos já tiveram alguma experiência envolvendo “interpretação” e análise de imagens como suporte nas aulas de Geografia. *“Questão 6: Você já teve, em suas aulas de Geografia, interpretação e análise de fotografias como recurso didático?”*

Tabela 7 - Experiência dos alunos com interpretação de Fotografias nas aulas de Geografia.

	Nº de Alunos	%
(a) Sim.	2	7%
(b) Não	26	93%
Total	28	100%

Gráfico 6 - Experiência dos alunos com interpretação de Fotografias nas aulas de Geografia.



As respostas ao questionário serviram de base para que a pesquisa pudesse observar o perfil do público e para nortear de que maneira os trabalhos e discussões seriam executados.

Em sintonia com o conteúdo estudado no segundo bimestre pelas turmas de 2º ano do EM, na Escola CEJAR, as ações da pesquisa com utilização de fotografias voltaram se, naquele momento, especificamente para as discussões sobre o tema "Urbanização". Porém, ficou claro que essas técnicas e ações podem ser aplicadas também a outros temas geográficos. Dentro do contexto, a pesquisa constituiu-se em uma proposta de como ensinar/aprender Geografia com a utilização de fotografias como instrumento motivador da participação do aluno nas aulas.

Como "pontapé" inicial das atividades com os alunos envolvidos nesta pesquisa, há de se destacar, no primeiro encontro, a apresentação do documentário "O Sal da Terra" sobre a vida e a obra do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado. A inserção desta ação foi providencial, principalmente porque os alunos tiveram a oportunidade de compreender o que estava sendo proposto pela pesquisa quando se busca a interpretação dos elementos explícitos e implícitos na fotografia. Outro fator a ser observado também é que, até então, nenhum dos alunos envolvidos, conhecia Sebastião Salgado, tampouco sua obra.

E, para compor os apontamentos das ações da pesquisa, faz-se necessária uma breve apresentação do fotógrafo e sua conexão com a Geografia.

4.3 A Geografia nas imagens de Sebastião Salgado

Quis provocar um debate sobre o estado do planeta. Esta globalização de que tanto se fala não são apenas cifras. Também são pessoas que estão sendo globalizadas. Deixaram-me fotografá-las, tenho a responsabilidade de mostrar estas imagens da maneira mais ampla possível. É uma exposição global (Sebastião Salgado).

Devido às muitas viagens feitas à África, Sebastião Salgado se apaixonou mais pelas imagens que registrou do que pelos relatórios que produziu em função do ofício a que se prestava. Valoriza-se aqui a importância da esposa Lélia Wanick Salgado, arquiteta-urbanista que também tem sua contribuição no campo da fotografia e por ser grande incentivadora do marido.

Com o passar dos anos, Salgado acabou por trocar a carreira de economista pela de fotógrafo, dedicando-se inicialmente a fotojornalismo, chegando a criar sua própria agência em 1994, a *Amazonas Images*. Atualmente dedica sua carreira fotográfica na produção de livros que, por meio de imagens, propõem uma reflexão sobre as conjunturas sociais e políticas que, constroem-se na opressão dos povos menos favorecidos e, embora tenha produzido imagens representativas do mundo todo e de fatos bastante diversificados, declara ter seu enfoque principal voltado para situação da América Latina. Como declarou o próprio Salgado (1991):

Afinal você fotografa com tudo o que você é. Venho de um país subdesenvolvido onde os problemas sociais são muito intensos. E assim torna-se inevitável que as minhas fotos reflitam isso... creio que exista uma forma latino-americana de se ver o mundo. É algo que não se pode ensinar, porque simplesmente faz parte de você (SALGADO, 1991, entrevista à Revista Rolling Stone, para COTT, Jonathan, 1991).

Seu primeiro livro *Outras Américas*, resultado de um trabalho que se principiou com registros feitos desde o ano de 1977 até 1985, abrangeu as experiências retratadas durante esses anos presenciadas em vários países, dentre eles o Brasil (mais especificamente o nordeste brasileiro), Bolívia, Guatemala, Chile, Peru e México, frisando acima de tudo que o chamado “progresso evolutivo” acaba deixando de lado uma certa parte da população, uma vez que os países mudam, mas algumas pessoas, culturas e regiões ficam esquecidas nesse processo de transformação. Como pontua o jornalista Alan Riding (1999), na introdução do livro em questão:

Muito simplesmente, é o mundo dos destituídos, daqueles que os desertos e serras desoladas da América Latina observam enquanto seus países mudam, deixando-os de lado [...] que se mantém unido pelo nascimento, pela família e pela morte, e ainda pelo mito, pela fé e pelo fatalismo (RIDING, 1999).

Dono de uma peculiar estética, Sebastião Salgado propõe uma interpretação visual que instiga o observador de suas imagens a não ficar meramente preso à beleza técnica de suas produções, mas, acima de tudo, ater-se à constatação de um mundo terrível que elas retratam.

Apresentam-se, neste momento, quatro fotografias de Sebastião Salgado com análises geográficas sobre elas. A reflexão pretendida é aquela que atente aos desejos intencionados pelo próprio Salgado, como ele mesmo declarou quando questionado em uma de suas exposições: “Espero que a pessoa que entre nas minhas exposições não seja a mesma ao sair.” E a pretensão da pesquisa é encontrar a maneira de fornecer os meios que levarão os alunos a internalizarem os conteúdos da Geografia também por meio da utilização de fotografias em suas aulas.

As fotografias de Sebastião Salgado “convidam a reflexões e a sensações acerca de feridas sociais: guerras, misérias, fomes, intolerâncias, injustiças, violências, migrações forçadas, explorações trabalhistas, expropriações do espaço, más condições de vida, tensões nacionalistas e fundamentalistas” (PIDNER; SILVA, 2014. p.02).

Fotografia 4 - Conflito “Trabalhador e Policial” – Serra Pelada. (Sebastião Salgado, 1986)



Fotografia 5 - Massacre de Eldorado de Carajás – A luta pela Terra. (Sebastião Salgado, 1996)



As duas imagens acima são produtos do trabalho de Salgado feitos para registrar dois fatos relacionados à distribuição e ocupação da terra no Brasil e também pelos problemas sociais ocasionados pelo desemprego.

A primeira fotografia reúne um conjunto de informações geográficas que podem proporcionar um leque de opções para o trabalho do professor em sala de aula, a citar os conflitos sociais gerados quando uma grande concentração de pessoas migram para uma região que tem pouca ou quase nenhuma infraestrutura para oferecer; na mesma linha, é possível complementar que a grande concentração de trabalhadores nas minas da Serra Pelada foi motivada pelo desemprego e pela pobreza existente no Brasil na década de 1980.

A outra fotografia apresenta os danos causados ao ser humano quando inexitem políticas públicas que atendam às demandas dos movimentos sociais no campo e que disponibilizem serviços básicos para atendimento às pessoas. A foto é um registro sobre o Massacre de Eldorado do Carajás, quando 19 trabalhadores sem-terra foram mortos em um conflito na luta pela posse da terra. Novamente representa fonte de informação para discussões críticas acerca dos fatores que levaram essas pessoas a se tornarem sem-terra, dentre eles, o inchaço das cidades e a falta de planejamento para urbanização. É oportuno também usar a imagem para análises

sobre como e porque surgiu o MST. A Geografia Agrária e a Educação no Campo também são temas que as imagens possibilitam ser explorados.

Fotografia 6 - Corpos empilhados por trator do exército francês - Kilumba, Ruanda. (Sebastião Salgado, 1994)



A imagem acima propõe uma análise crítica acerca das consequências que uma guerra traz, principalmente quando motivada por extremismos étnicos e religiosos, momento em que várias temáticas podem ser abordadas, principalmente aquelas que leva a uma reflexão sobre as questões geopolíticas envolvidas nestes conflitos.

Fotografia 7 - Uma exploração meditativa das culturas camponesas e da resistência cultural. – Equador. – (Sebastião Salgado, 1982)



A última fotografia pode funcionar como elemento ilustrativo para as reflexões críticas sobre a relação que as pessoas têm com o campo e com um estilo de vida longe do mundo tecnológico. Os trabalhos podem ser voltados para uma análise sobre como vivem os índios e os camponeses, tanto do Brasil quanto dos países latino-americanos. Outro tema que a imagem aborda é apontar sobre as consequências da colonização da América Latina no que se refere às demarcações das terras indígenas.

4.4 A experiência com os alunos.

A pesquisa buscou evidenciar associação com o tema “Causas e Consequências dos processos de Urbanização brasileira”, por ser este o tema abordado nas aulas de Geografia para o 2º ano do EM, no período em que ocorreram os encontros.

O segundo encontro foi destinado para este pesquisador oferecer aos alunos e professora um estudo em forma de minicurso sobre os conceitos de Iconologia e Iconografia, apresentando fundamentações teóricas e históricas e também exemplos e práticas de observação e interpretação iconológica e iconográfica de algumas

imagens. Nos demais encontros, ocorreram as práticas de análise e associação das fotografias com os conteúdos abordados nas aulas de Geografia.

Antes da análise das fotografias, foi colocado o tema de cada aula em discussão. A cada encontro, a professora explanava o conteúdo, de acordo com sua didática habitual, expondo os temas geográficos, utilizando o livro didático, interagindo com os alunos e propondo reflexões e resoluções das atividades apresentadas pelo livro.

Em todos os encontros, logo após as explicações da professora, era informado aos alunos que os cadernos e livros deveriam ser guardados, uma vez que não mais seriam utilizados naquela aula, e até para que atenção não se desviasse para outros instrumentos.

As ações seguintes ocorreram, com o auxílio de um projetor, reproduzia-se uma foto na lousa, deixando-a pausada; solicitava-se aos alunos que, em contemplação silenciosa, observassem calmamente a imagem e buscassem encontrar nela, informações, símbolos e significados que viessem de encontro com o assunto abordado na aula de Geografia.

Passados 10 a 15 minutos de observação silenciosa, iniciavam-se as conversas com os alunos, buscando ouvir de cada um deles o que eles conseguiram identificar, instigando-os principalmente a uma interpretação dos elementos abstratos fornecidos por cada imagem.

Nos primeiros encontros, constatou-se que era difícil para os alunos se expressarem verbalmente sobre suas interpretações. Na sua maioria, aparentavam timidez e receio e dar sua contribuição participativa para o desenvolvimento da atividade. Em certas ocasiões, alguns alunos se manifestaram desinteressados pela atividade porque afirmavam não ter conseguido encontrar elementos abstratos que remetesse ao tema discutido em sala de aula, ou seja, ainda apresentavam dificuldades para conseguir realizar uma interpretação iconológica da fotografia.

Nos momentos em que a pesquisa parecia não estar alcançando os objetivos propostos para os encontros, este pesquisador e a professora interferiram na ação, fazendo retomadas sobre o conteúdo e apontando nas imagens as informações nela contidas. Por vezes, este pesquisador, interpretou a imagem junto com os alunos, instigando-os a aprofundarem mais a observação e não terem receio em compartilhar com os colegas aquilo que conseguiu interpretar, uma vez que não se tratava de "certo" ou "errado" e sim de um exercício coletivo.

No decorrer dos encontros, a evolução nas interpretações e na participação dos alunos nas discussões das análises foi evidente, a atividade passou então a proporcionar prazer aos alunos que, às vezes, em clima de brincadeira e alegria, exerciam uma espécie de competição entre si para encontrar uma interpretação iconológica cada vez mais aprofundada e relacionada com os temas geográficos abordados nas aulas.

O ápice do experimento foi quando, já nos últimos encontros, alguns alunos apresentaram interpretações sinestésicas sobre as imagens, o que, do ponto de vista científico pode ser uma rara condição neurológica, para os estudos da iconologia representa uma evolução na capacidade interpretativa do ser humano. Os casos em questão foram de alunos que, em suas interpretações, descreveram o "cheiro" da poluição e das queimadas e o "som" provocado pelos grandes congestionamentos de automóveis.

Embora o objetivo desse estudo foi propor a interpretação da fotografia como elemento motivador nas aulas de Geografia, também foi possível observar o aprofundamento e a evolução nas interpretações feitas pelos alunos, trata-se de uma consequência da motivação despertada.

Todas as fotografias utilizadas não possuem restrição ou proibição na sua utilização/reprodução, encontram-se em sítios de domínio público e mantiveram os direitos autorais respeitados e preservados.

A fotografia, utilizada como instrumento motivador, só surtiu efeito didático porque o conhecimento do professor acerca dos conteúdos geográficos esteve em primeiro plano, pois mais importante que a fotografia é a sustentação de um Ensino de Geografia que leve uma reflexão crítica sobre os temas abordados, estabelecendo uma conexão real do lugar e do cotidiano do aluno com os assuntos discutidos no ambiente escolar.

As imagens a seguir buscam (assumindo a postura a que se propõe a fotografia) fortalecer aquilo que o texto escrito, por vezes, deixa incompreendido, assumindo seu valor didático quando se tornam instrumentos para as discussões e reflexões em sala de aula. Tratam-se de algumas das fotografias utilizadas no experimento junto aos alunos envolvidos na pesquisa.

Fotografia 8 - Protesto cobra punição à Vale pela tragédia de Mariana (2015). Fotógrafa Cristina Boeckel/G1. (Disponível em <https://goo.gl/5WMMnfv>)



A análise da fotografia de um protesto cobrando punição aos responsáveis pela Tragédia de Mariana levou a uma reflexão que, além dos danos ambientais, a destruição da bacia do Rio Doce prejudicou a saúde física e psíquica da população. Relevante também foi a interpretação sobre os problemas sociais e econômicos retratados na imagem, uma vez que muitas pessoas perderam bens, propriedades, empresas, empregos e atividades econômicas.

Fotografia 9 - Fogos da cerimônia de encerramento dos Jogos Olímpicos, Morro da Mangueira (2016). Fotógrafo Carl de Souza/AFP. (Disponível em <https://goo.gl/Yp4cM8>)



Vários foram os temas que puderam ser absorvidos a partir desta imagem, o destaque foi para a questão social envolvida na foto, em dois planos que, imageticamente parecem estar bem próximos. Isto motivou a interpretação dos alunos sobre a barreira existente entre pessoas ricas e pobres no país; possibilitou também um recorte sobre a ocupação irregular do espaço e os fatores que levaram a ela.

Fotografia 10- Cultivo de Soja em solos arenosos – Selvíria/MS. - Fonte: Embrapa, 2016. (Disponível em: <https://goo.gl/aj7yAE>)



Esta fotografia contribui para uma análise crítica de como o Planalto Central se transformou após a chamada “Revolução Verde”, que, impulsionada pelo agronegócio e principalmente pela produção da soja, fez com que se formasse um cenário em que o campo influencia a economia urbana. Outros temas também foram abordados, como o uso irregular do solo, a formação de cidades em função das lavouras, a mecanização da agricultura dentre outros.

Fotografia 11 – Cheia do Rio Aquidauana- 2011 (Fonte: O Pantaneiro)



A foto sobre a cheia do Rio Aquidauana, ocorrida no ano de 2011 constituiu um material imagético que forneceu várias opções de discussões acerca dos problemas que surgem quando há uma incorreta ocupação do espaço e sobre os danos e impactos ambientais resultantes da destruição das matas ciliares e das construções irregulares às margens do rio. Também foi extraída pelos alunos, a informação sobre quais devem ser as políticas públicas aplicadas nestes casos para que existam ações que levem a minimizar os problemas causados à comunidade quando essas catástrofes “naturais” acontecem.

Fotografia 12 - Trabalho Infantil, 2017. (Fonte: Agência Brasil)



Fotografia 13- Trabalho Escravo, 2017. (Fonte: Agência Brasil)



Com o crescimento desordenado das cidades, as pessoas sofrem as consequências, uma delas é o desemprego, assim parte da população urbana migra para o campo em busca de trabalho, principalmente quem possui baixa ou nenhuma escolaridade. Quando as duas fotos (fotografias 11 e 12) anteriores foram apresentadas, os alunos, quase a totalidade remeteram às carvoarias existentes na zona rural de Aquidauana e, paulatinamente foram surgindo os conceitos implícitos que levavam a um olhar sobre as condições sub-humanas por quais muitas pessoas

passam para garantir o sustento. Nas discussões, uma fala levava à outra e as mensagens iam se revelando nas fotografias, exploração do trabalho infantil, trabalho escravo, falta de saneamento básico, crianças fora da escola, riscos para a saúde das pessoas, despreocupação dos patrões com a dignidade dos empregados, dentre outros.

Fotografia 14- Início de Aquidauana - Construção da Igreja matriz. (Fonte: Desconhecida. Disponível em <https://goo.gl/sTN7OJ>)



Fotografia 15 - Vista aérea parcial de Aquidauana/MS. (Fonte: Desconhecida. Disponível em <https://goo.gl/jq4g2>)



Fotografia 16 - Vista Aérea de Aquidauana/MS. (Fonte: Simoni Lopes)



Ainda dentro do contexto da urbanização e do processo de formação das cidades, estabeleceu-se um comparativo entre as três imagens (Fotografias 13, 14 e

15) retratando o município de Aquidauana em períodos diferentes. Nesse dia, muitos alunos expressaram opiniões que representavam um sentimento de pertencimento, foi possível observar que, quando se projetaram estas fotografias, foram poucas as interpretações que levavam ao processo de urbanização apenas, o que ocorreu, na maioria dos comentários, foi uma espécie de contemplação das transformações da paisagem do lugar a que eles pertencem. Com bastante descontração, buscavam reconhecer os bairros, casas e locais do município, inclusive suas residências e a escola. Ainda assim, a professora pontuou alguns aspectos sobre o que levou às transformações.

Fotografia 17 - Lixão Irregular no Distrito de Camisão. (Fonte: AGEKOM / Aline Saraiva)



Esta fotografia (16) levou um tempo maior que as outras para que os alunos conseguissem expressar suas internalizações iconológicas sobre elas, mas, com o auxílio da professora, conseguiram compreender que a imagem não traz apenas a informação de o descarte do lixo na natureza causa danos de grandes proporções. A professora contribui para fosse possível entender que a imagem também remete ao acelerado processo de urbanização, uma vez que com o aumento da população, aumenta-se a produção de resíduos e, nem sempre, o poder público tem destinado áreas adequadas para o descarte, pontuou também que há casos em que as pessoas descartam seus lixos em terrenos baldios ou pelas ruas, fato esse que está

relacionado a questões educacionais da população, o que leva à necessidade de trabalhos voltados à conscientização da população.

Fotografia 18 - Conjunto Habitacional Cristo Rei em Anastácio/MS - 2016. (Fonte: *Rosileny Ribeiro (Imprensa-Prefeitura)*)



A intenção na utilização da Fotografia 17 foi favorecer para que surgisse um debate e reflexões acerca das políticas públicas voltadas para a construção de casas populares, políticas essas que, em muitos casos, atentam apenas ao imóvel em si e não às questões sociais envolvidas ao problema. Um dos primeiros elementos identificados pelos alunos foi a remoção de "todas" as árvores na área em que as casas foram construídas, tornando o bairro um local sem sombras e, provavelmente, as casas são ambientes com temperaturas térmicas muito altas. Após as interferências da professora e deste pesquisador, outros temas passaram a figurar na análise da imagem.

Os alunos compreenderam que esta fotografia traz bastantes informações sobre as mazelas causadas quando há um processo de expansão urbana sem a preocupação com o bem-estar social. A imagem comprova que, por vezes, os conjuntos habitacionais são construídos em áreas distantes dos antigos locais de moradia daquela população, que apesar de terem conseguido uma casa, as dificuldades e carências permanecem. Compreenderam também que as políticas públicas voltadas para essa situação devem ater-se a resolver os problemas do assentamento residencial e à satisfação das necessidades de trabalho, abastecimento, transporte, educação, segurança, saúde, energia, água, etc.

Fotografia 19 - Contrastes Sociais. (Fonte: Tuca Vieira, 2002. disponível em: <https://goo.gl/S2a9Xk>)



Na última fotografia trabalhada com a turma, já era visível o amadurecimento nas reflexões acerca da imagem e do conteúdo geográfico discutido nas aulas. Todos os alunos puderam notar que a principal mensagem desta fotografia (importante frisar que não se trata de uma montagem) era o notório contraste social e a divisão do espaço representando a diferença social. A fotografia impulsionou alguns minutos de silêncio e foi possível identificar manifestações emotivas por parte de alguns alunos quando começaram as exposições das interpretações feitas por eles.

E para encerrar os encontros, este pesquisador e a professora também expuseram suas interpretações iconológicas representadas na fotografia 19. Relacionando a imagem com a geografia, alerta-se para o fato de que a urbanização sem planejamento pode gerar resultados caóticos, principalmente no aspecto social. Quando o deslocamento de pessoas para as cidades ocorre de maneira muito rápida, este inchaço populacional não é suportado pelas cidades e, como falta investimentos em políticas públicas que levem ao adequado acolhimento das pessoas, nasce um cenário de exclusão e segregação social, que leva também a uma segregação espacial, realçando o contraste entre riqueza e pobreza.

5 RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização deste estudo foi possível a constatação da capacidade de mobilizar o aluno para um interesse maior pelo aprendizado e pelas aulas de Geografia, por meio da utilização da fotografia como instrumento coadjuvante, está estreitamente relacionada à mediação que o professor estabelece entre o aluno e este recurso, uma vez que é esta relação que proporcionará uma mudança no aparato cognitivo do aluno para um efeito real no processo de aprendizagem.

Ou seja, a pesquisa encontrou como resultado que, para alcançar o objetivo geral proposto aqui, coube ao professor algumas ações imprescindíveis, tais como a escolha das fotografias adequadas ao tema e a motivação de debates com os alunos para uma análise crítica sobre elas, sempre relacionando a imagem com os temas geográficos e com os objetivos pedagógicos que se buscam.

Lembrando que, em determinado momento do experimento, a professora e este pesquisador precisaram orientar os alunos para que fossem em busca de um olhar mais curioso e investigativo sobre o objeto imagético, desafiá-los, de maneira positiva, a começarem a construir opiniões a respeito do conteúdo estudado. Confirmou-se então que a exploração do recurso didático pode ser sustentada por meio de diálogos e reflexões sobre o mesmo.

Diante do exposto, a pesquisa conclui que há critérios a serem seguidos e adotados para que a utilização de fotografias nas aulas seja realmente eficaz e contribua diretamente no processo de ensino e aprendizagem da Geografia. Cabendo ao professor atentar-se para:

- ✓ Ter conhecimento e domínio sobre os temas geográficos propostos para a aula;
- ✓ Capacitar-se, por meio de estudos e pesquisas, à interpretação da fotografia sob três atos (Descrição pré-iconográfica, Análise iconográfica e Interpretação iconológica);
- ✓ Antever a aplicação dos necessários conhecimentos a serem mobilizados para que cada um dos patamares anteriores seja atingido pelos alunos;
- ✓ Selecionar criteriosamente as fotografias para as aulas, atentando à conexão com os conteúdos geográficos e também aos direitos autorais sobre elas;
- ✓ Priorizar o uso de fotografias que estejam relacionadas ao cotidiano vivido pelo aluno;
- ✓ Preocupar-se para não incorrer no uso de fotografias manipuladas para forjar a expressão da verdade;

- ✓ Caso utilize fotografias da internet, usar somente fontes confiáveis;
- ✓ Oportunizar aulas e exemplificações sobre os conceitos de Fotografia, Iconografia e Iconologia;
- ✓ Proporcionar aos alunos discussões e experiências educativas que o auxiliem nas interpretações das fotografias por uma perspectiva crítica-geográfica;
- ✓ Favorecer aos alunos momentos para comentarem e debaterem, com criticidade, sobre suas análises pessoais a respeito da fotografia utilizada;
- ✓ Nunca esquecer que a escolha da fotografia deve respeitar o conteúdo e o olhar do aluno.

Observou-se também com a pesquisa que, a utilização de fotografias como recurso metodológico representa uma concreta possibilidade para prática de uma Geografia distinta da Geografia tradicionalista, que ainda se faz presente em algumas escolas brasileiras.

Portanto, o uso da fotografia representou uma proposta de dinamização das aulas de Geografia e uma tentativa de novos métodos de ensino, com a valorização mútua dos sujeitos do processo educacional, deixando de lado os modelos de aulas em que a aprendizagem só ocorre com leitura do livro didático e com a exposição oral do professor.

As análises feitas pelos alunos sobre as fotografias demonstraram uma evolução no desenvolvimento cognitivo deles, bem como na formação da consciência crítica sobre os temas geográficos estudados e a relação com a realidade em que estão inseridos. Neste sentido, foi possível identificar a motivação nos alunos, quando estes perceberam nas fotografias informações adicionais para a compreensão dos fatores que resultam nas transformações abordadas pelo conteúdo estudado.

Assim, nas aulas que se deram com suporte da fotografia, esta comprovou-se como instrumento de auxílio à Geografia Escolar, principalmente porque os debates sobre assuntos pautados nas interpretações dos alunos contribuíram para o entendimento de que o espaço geográfico é socialmente construído numa relação de contradições.

Conseqüentemente, concluiu-se que a associação entre o Ensino da Geografia e a Fotografia, da forma como se propôs nesta pesquisa, viabilizou uma maior internalização dos conhecimentos geográficos pelos alunos, bem como o despertar para o interesse, motivação e participação nas aulas e compreensão do

currículo; visíveis nos debates e nas interpretações críticas que as fotografias proporcionaram.

Logo, a fotografia tem a possibilidade de se estabelecer como aliada do professor de Geografia em sua prática pedagógica, ressaltando que é o conhecimento geográfico que norteia os trabalhos e a escolha da imagem ideal.

Em conexão com o ensino da Geografia, segundo Santana e Moura (2012), a fotografia, como meio de informação e instrumento de formação crítica, tem sido cada vez mais usada, aproximando o sujeito observador da realidade que se objetiva considerar e, inclusive, tem se mostrado um importante instrumento para a conscientização da população.

Enfim, diante do cenário aqui apresentado, esta pesquisa defende que, no mundo contemporâneo, é inquestionável a influência da linguagem visual no processo da comunicação humana, portanto, sua incorporação na prática educativa faz-se indispensável, sendo esta também a possibilidade de mudanças importantes no currículo das aulas de geografia em Aquidauana/MS, bem como em outros lugares, que esta possa alcançar.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Gilberto Luiz. **O trabalho didático na escola moderna: formas históricas.** Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

ASARI, Alice Yatiuo; ANTONELLO, Ideni Terezinha; TSUKAMOTO, Ruth Youko (org.) **Múltiplas geografias: ensino – pesquisa – reflexão.** Londrina: Edições Humanidades, 2004.

AUMONT, Jacques. **A Imagem.** Campinas: Papirus, 1995.

BACHELARD, Gaston. **A epistemologia.** Tradução de Fátima Lourenço Godinho e Mário Carmino Oliveira. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2006.

BELLONI, Maria L. **O que é mídia-educação?** Campinas (SP): Ed. Autores Associados, 2005.

BOMFIM, N. R. A imagem da geografia e do ensino da geografia pelos professores das séries iniciais. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v. 4, n. 1, jun. 2006, p. 107-116.

BRADLEY, W. Speaking in support of Geography Awareness Week. Congressional record, june 1987.

BRASIL, Presidência da República. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia - PCN's.** Ministério da educação. Secretaria de Educação Fundamental. 3 ed. Brasília, 2001. P. 150 - 166.

BRITO, F. B. de. **Da origem da geografia crítica à geografia escolar.** ENPEG – 10º encontro. Porto Alegre, 2009. Disponível em: < <https://goo.gl/bNPgX8>>. Acesso em: 12/mai/2017.

CALLAI, H. C. **Projetos interdisciplinares e a formação do professor em serviço.** In: PONTUSCHKA, N. N. e OLIVEIRA, A. O. (Orgs.). **Geografia em perspectiva.** São Paulo: Contexto, 2002. p. 255-259.

CARVALHO, Maria Inez da Silva de Souza. **Fim de século: A escola e a Geografia.** Ijuí/ São Paulo: Ed. UNIJUI, 1998. – 160p.

CAVALCANTI, L. de S. **Elementos para uma proposta de ensino de geografia.** Boletim Goiano de Geografia. Jan/dez, 1993, p. 65-82

_____. **Geografia, escola e construção do conhecimento.** 17ed. Campinas: Papirus, 2010.

CERVO, A. L. ; BERVIAN, P. B. **Metodologia científica.** 5ed. São Paulo. Prentice Hall, 2002, p. 27-29.

CHALMERS, Alan F. **A fabricação da ciência.** São Paulo: Edunesp, 1994.

CHIKAOKA, Miguel; SALLET, Beatriz. **O educador não está preparado para trabalhar com o turbilhão da produção fotográfica digital.** Discursos Fotográficos, Londrina, v.6, n.9, p.275-282, jul./dez. 2010.

CORREIA, F. **A ilustração científica: “santuário” Onde a Arte e a Ciência Comungam.** 2011. Disponível em: < <https://goo.gl/rUaVhN>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

DAVANNE, Alphonse. **La photographie, ses origines et ses applications:** conférence faite à la Sorbonne, le 20 Mars 1879. Paris: Gauthier-Villars, 1879.

D'ÁVILA, C. **Decifra-me ou te devorarei:** o que pode o professor frente ao livro didático? Salvador: EDUFBA, 2008.

DINIZ FILHO, Luis L. **Fundamentos epistemológicos da geografia.** Curitiba PR: Editora IBPEX. 2009. (Col. Metodologia do Ensino de História e Geografia; v 6).

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta:** Ensaio para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FREIRE, Paulo. **Conscientização:** teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3º Ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GALANO, Ana Maria. **Entre nostalgias e sinais de uma nova estética:** observatórios fotográficos de paisagens na França, in: Cadernos de Antropologia e Imagem. Rio de Janeiro: NAI – UERJ, 2000.

GUNTHER, André. **L’image partagée: comment internet a changé l’économie des images. Études photographiques,** v. 24, nov. 2009. Disponível em: < <https://goo.gl/gdWNmH>>. Acesso em: 7/jun/2017.

_____. **Spectres de la photographie.** Arago et la divulgation du daguerréotype. L’atelier des Ícones, 2 jun. 2010. Disponível em: < <https://goo.gl/tWdi2g>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

HERNÁNDEZ, F. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

KAERCHER, N. A. **O gato comeu a geografia crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de geografia.** In: PONTUSCHKA, N.N, OLIVEIRA, O. (orgs). Geografia em Perspectiva. São Paulo: Contexto, 2002. p. 221 - 231.

_____. **A Geografia escolar na prática docente:** a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Crítica. Tese de Doutorado. São Paulo. USP, 2004.

KENNEDY, E. Speaking in support of Geography Awareness Week. Congressional record, June 1987.

KENSKI, V. M. **O ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologia.** In: VEIGA, I. P. A. (Org.). Didática: o ensino e suas relações. 9. ed. Campinas, SP: Papirus, 2005. p. 127-147.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica.** Ateliê Editorial, São Paulo: 1999.

_____. **Fotografia e história.** 5ª edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

LOPES, Ana Elisabete. **Ato fotográfico e processos de inclusão:** análise dos resultados de uma pesquisa-intervenção. In: LENZI, Lucia Helena Correa; DA ROS, Silvia Zanatta; Souza, Ana Maria Alves de; GONÇALVES, Marise Matos. Imagem: intervenção e pesquisa. (orgs.). Florianópolis: Editora da UFSC: NUP, CED, UFSC, 2010.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas.** São Paulo: Atlas, 2009.

MÉTAILLIÉ, Jean-Paul. **Le photo-géographe et l'histoire des paysages.** Revue de l'Observatoire Photographique du Paysage, v.1, p.91-95, 1997.

MONDENARD, Anne de. **La Mission héliographique: mythe et histoire.** Études Photographiques, n. 2, p. 115-128, maio 1997.

MORAES, A. C. R. **A Gênese da geografia moderna.** São Paulo: Hucitec, 1997.

MORAN, J. M. **Caminhos para a aprendizagem inovadora** In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica, 12. ed. São Paulo: Papirus, 2006.

O'CONNOR, Erin. **Camera medica. Towards a morbid history of photography.** *History of Photography*, v. 23, n. 3, 1999, p. 232-244.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Situação e tendências da geografia.** In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (org). **Para onde vai o ensino de geografia?.** 9 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

OSORIO, Eduardo Baldino Dable. **Possíveis diálogos entre o fotodocumentarismo e a fotografia expressão:** O retrato fotográfico na Obra "Terra", de Sebastião Salgado. Porto Alegre: 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/M1NMhm>>. Acesso em: 19 de mai. 2017.

PANOFSKY, Erwin. **Estudos em iconologia:** Temas humanistas na arte do Renascimento. Trad. Olinda Braga de Sousa. Lisboa: Estampa, 1986.

_____. **Iconografia e iconologia:** uma Introdução ao estudo do Renascimento. In: Significado nas Artes Visuais. São Paulo: Perspectiva, 1991.

PERINI, Laura. **Form and function:** a semiotic analysis of figures in biology textbooks. In: ANDERSON, Nancy; DIETRICH, Michael R. (Eds.). *The educated eye:*

visual culture and pedagogy in the Life Sciences. Dartmouth: University Press of New England, 2012. p. 235-254.

PIAGET, J. **Psicologia e pedagogia**. Tradução: Dirceu Lindoro e Rosa M. R. da Silva. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1970.

PIDNER, F. S.; SILVA, M. A. Fotografias de Sebastião Salgado: grafia, poética e produção do espaço geográfico. **Revista Científica Vozes dos Vales**. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, MG. Nº 06 – Ano III. Out, 2014. Disponível em: <http://goo.gl/iv2s0U> Acesso em: 13 mai 2016.

PINHEIRO, E. A. *et. al.* O nordeste brasileiro nas músicas de Luiz Gonzaga. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v.14, n. 23, 2º sem/2004, p. 103-111.

PONTUSCHKA, N. N. *et al.* **Para ensinar e aprender geografia**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

RESENDE, Maria M. Spyer. **O saber do aluno e o ensino de geografia**. São Paulo: Loyola, 1986.

_____. **A Geografia do aluno trabalhador. Caminhos para uma prática de ensino**. São Paulo: Loyola, 1986, p 26-32.

RIDING, Alan. **Introdução**. In: SALGADO, Sebastião. *Outras Américas*. São Paulo: Cia das Letras, 1999

ROSSETTO, T. **Fotografia e letteratura geografica**: linee di un'indagine storica. Bolletino della società geografica italiana. N. 4. 2004

ROUILLÉ, André. **A Fotografia: entre documento e arte contemporânea**. Tradução Constancia Egredas. São Paulo: Editora SENAC, 2009.

SALGADO, Sebastião; in COTT, Jonathan. **“Sebastião Salgado, The Rolling Stone Interview”**, *Rolling Stone*, 619-620, 12-26 December 1991.

SANTANA, Deisihany Armelin; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. **A Fotografia como instrumento para a consciência socioambiental**. Disponível em: <<https://goo.gl/PcrFmH>>. Acesso em 28/03/2017.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2001.

SILVA, Eunice Isaias da. **Charge, cartum e quadrinhos**: linguagem alternativa no ensino de geografia. *Revista Solta a Voz*. V. 18, nº 1, 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/8YnpDm>>. acessado em: 14/05/2017.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

STEINKE, Valdir A. **Geografia e fotografia**. Brasília: LAGIM/UNB, 2014.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2008.

TRAVASSOS, Luiz Eduardo Panisset. **A fotografia como instrumento de auxílio no ensino da geografia**. Revista de Biologia e Ciências da Terra. V. 1, nº 2, 2001. Disponível em: <<http://eduep.uepb.edu.br/rbct/sumarios/pdf/fotografia.pdf>>. Acesso em: 14/05/2017.

TROVO, Arnaldo Wagner. **As tecnologias no ensino de geografia: “O uso das imagens como interpretação do meio em que vivemos”**. PDE/ SEED-PR, Maringá: 2011.

WERNECK, H. **Como encantar alunos da matrícula ao diploma**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2013.

VESENTINI, José .William. **Repensando a geografia escolar para o século XXI**. São Paulo: Plêiade, 2009. p. 71.

_____. **Ensaio de geografia crítica e história, epistemologia e (geo)política**. São Paulo: Plêiade, 2009.

7 ANEXOS

ANEXO I QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

- ✓ O questionário, com o qual vocês estão tendo contato, faz parte de uma pesquisa desenvolvida na Área de Geografia no Programa de Pós Graduação em Geografia do Campus de Aquidauana da UFMS.
- ✓ As perguntas são apenas para efeito de pesquisa e não para avaliação de alunos ou professores.
- ✓ Não há resposta Correta ou Errada, dê sua opinião com total liberdade e sem preocupar com exposição, suas respostas não serão divulgadas, apenas irão compor dados estatísticos.
- ✓ As perguntas são referentes às aulas de Geografia como um todo, desde as aulas que você teve no Ensino Fundamental até hoje.

Peço para que não deixem respostas em branco. Caso não entendam alguma pergunta, sintam-se à vontade para me perguntar.

ATENÇÃO: RESPONDA AO QUESTIONÁRIO COM SINCERIDADE NÃO HÁ NECESSIDADE DE SE IDENTIFICAR

1. Em relação à disciplina geografia você pode afirmar que:

- (a). Geografia é a sua disciplina preferida.
- (b). Sente simpatia pela geografia.
- (c). Não gosta da geografia.
- (d). Tem horror a geografia.
- (e). É apático à geografia. (não gosta e nem detesta).

2. Como você considera as aulas de Geografia?

- (a) Monótonas
- (b) Atraentes
- (c) Nem uma coisa e nem outra, estão no meio termo.

3. Sobre os recursos usados, no seu percurso escolar, nas aulas de Geografia utilizaram-se:

- (a) Somente livros.
- (b) Livros, Datashow, Filmes, outros.
- (c) Nenhum dos anteriores.

4. Como você estuda para as provas de geografia?

- (a) Decorando
- (b) Lembrando das explicações do Professor
- (c) Montando questionários
- (d) Associando a leitura do livro com as discussões em sala de aula

5. Pelo que você estudou/estuda em sala de aula diria que o ensino de geografia está relacionado com a sua realidade, com o seu cotidiano?

- (a) Não.
- (b) Às vezes, em alguns temas.
- (c) Sim, totalmente.

6. Você já teve, em suas aulas de Geografia, interpretação e análise de fotografias como recurso didático?

- (a) Sim.
- (b) Não.